ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
2ª SERIE
Nº 22
DIRECTOR·CARLOS·MALHEIRO·DIAS

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

Chronometro Zenith

Chronometro Zenith

O melhor relogio em ouro, prata e aço,
o unico que em dois annos conseguiu impôr-se
a todas as outras marcas.

A venda em todas as relojoarias e ourivesarias do paiz

Livraria editora Viuva Tavares Cardoso

5, LARGO DE CAMÕES, 6—LISBOA

PUBLICAÇÕES RECENTES:

ANGELA PINTO — Esboços, homenagens e apreciações criticas da imprensa brazileira e portugueza e dos principaes escriptores dramaticos de Portugal, 1 vol. illustrado com o retrato da illustre actriz nas peças que tem desempenhado 500

PAISAGENS DA CHINA E DO JAPÃO — Contos por *Wenceslau de Moraes*, 1 vol. profusamente illustrado 600

O TIO JOAO GIL Chronica d'aldeia por *Barros Lobo* (Francisco), 1 vol. 800

O CONDE DE S. PAULO Romance por *Mauricia C. de Figueiredo*, 1 vol. 800

NA RUSSIA Narrativa historica e anecdotica, por *Eduardo Noronha*, 1 vol. illustrado 800

OS BRAVOS DO MINDELLO romance historico, por *Faustino da Fonseca*, 1 volume 600

A RUA DO OIRO romance lisboeta, por *Alfredo Mesquita*, 1 vol. 600

POSTA-RESTANTE (Cartas a toda a gente), por *João Chagas*, 1 vol. 600

TERRA VIRGEM romance original por *Cesar Porto*, 1 vol. 800

O LIVRO DE UM JORNALISTA Sciencia, politica, moral, religião, coordenação e notas de *Zuzarte de Mendonça*, 1 vol. 500

Remettem-se **catalogos** a quem os requisite.

Sedativo BEIRÃO

ANTI-DYSMENORRHEICO

E' o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrhea, abate a elevação do ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo «Beirão»** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa suas funcções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhea accidental ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O **Sedativo «Beirão»** contém propriedades tonicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo brancoutero vaginal (leucorrhea). O **Sedativo «Beirão»** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobreveem pela cessação final dos menstruos n'esta mudança da vida da mulher. O **Sedativo Beirão** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

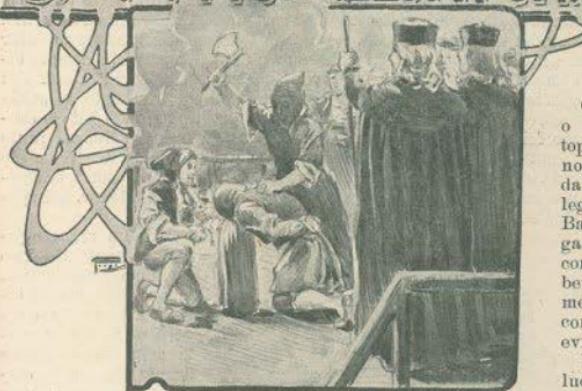
DEPOSITOS AUCTORISADOS:

Em Portugal: Pharmacia Liberal—*Avenida da Liberdade, 167; Lisboa.*

Pharmacia do Padrão — *Rua Formosa, 10, Porto.*

Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman.

Export Druggist. *58 e 59, Bunhill Row London, E. C*

O principio e seguimento das minhas regras mensaes foi sempre annunciado e acompanhado de perturbações que constituiam para mim um verdadeiro martyrio, e muitas vezes perdia os sentidos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.mo sr. dr. Arantes Pereira, me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorrheico, cujos effeitos calmantes se não fizeram esperar.

Tenho repetido o uso d'este agradavel remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpreza que as regras apparecem agora regularmente e sem dores.

Nem nos remedios caseiros nem das pharmacias jámais consegui um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 128, em 30 de novembro de 1906.—Cecilia Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do tabellião Antonio Borges d'Avellar).

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hebraique.

Prix du flacon: huit francs. Franco pour tous les pays de l'Union postale contre mandat de poste adressé à Marciano Beirão. Avenida da Liberdade, 167—Lisbone.

COMO A REALESA PUNIA O REGICIDIO

O que foi o regicidio ◎ Como a nobreza incitou o povo ao regicidio ◎ O Barbadão de Veiros ◎ Tentativa contra D. João I ◎ A maneira de queimar um escudeiro ◎ Seis portuguezes com as mãos decepadas ◎ Como um Bragança paga o delicto d'outro Bragança ◎ O cadafalso de D. Fernando de Bragança ◎ O julgamento do duque ◎ A queima d'uma estatua d'outro Bragança ◎ Como D. João II apunhala o cunhado ◎ Os attentados contra este rei ◎ O luto do soberano pelos regicidas ◎ A fortuna dos Braganças regicidas ◎ O titulo de conde de Borba premio d'uma denuncia contra um irmão ◎ A vingança do rei chegando a França ◎ Um principe a beijar a mão cheia de sangue d'um seu irmão ◎ A casa de Bragança no throno ◎ Um duello com o rei ◎ D. João IV por Castella ◎ Um attentado da nobreza ◎ Como morreram os marquezes de Villa Real e o conde d'Armamar ◎ O povo e o cadafalso do duque de Caminha ◎ Como os bispos escapam á morte ◎ O attentado de Domingos Leite ◎ A forca do largo dos Torneiros ◎ Um cadaver em postas ◎ D. Affonso VI e D. João VI foram envenenados?! ◎ D. José I e os Tavoras ◎ Como morreram os Tavoras ◎ O maximo das torturas ◎ Um pae vendo os corpos informes dos filhos ◎ O duque d'Aveiro com um golpe de maço no ventre ◎ As cinzas dos regicidas ◎ O «Migas Frias» á paulada ao rei José ◎ João Baptista Pelle ◎ Um jesuita regicida ◎ A voz do povo e a morte de D. Pedro V ◎ Um mar de sangue azul sem uma só gotta de sangue real

O que foi o regicidio? Primeiro uma manifestação ambiciosa da nobreza, depois uma exaltação da turba. Foram os senhores de pendão e caldeira e os nobres duques d'arminhos e bastões que ensinaram aos jacobinos da revolução franceza a côr vermelha do sangue real, fazendo do attentado contra os reis um homicidio vulgar. Jámais um plebeu d'essas eras, sem ter atraz de si a mão forte e poderosa d'um grande da terra, empunhou a arma para ferir um rei porque, na sua ingenuidade, sentia n'elle um ser divinisado e tambem porque não se atreveria jámais a conspirar contra um symbolo que só os de cima podiam julgar. Com o abatimento da crença veiu a audacia. Os regicidios de hoje são uma forma morbida de certos cerebros nos quaes ou vive a ancia solitaria de matar no seu maior delirio ou o desejo exhibicionista da celebridade.

◉

Conta-se que o Barbadão de Veiros, o artifice troncal da casa de Bragança, topou um dia o Mestre d'Aviz n'um plaino largo do Alemtejo e de bésta aperrada e d'olhos incendidos lhe pediu para legitimar o bastardo que foi o conde de Barcellos e o primeiro duque de Bragança. O Mestre, ou porque lhe roesse a consciencia ou porque receasse a bésta bem retezada do sapateiro, fez-lhe promessas e foi-se a cumpril-as. Isto anda á conta de lenda, mas abonando o plebeu evitou talvez uma tentativa de regicidio.

Por aquelle tempo andavam rijas as luctas com Castella. D'além Guadiana vinham a miudo emissarios em busca d'uma hora favoravel para acabar com o mestre de Aviz. Mesmo por cima das muralhas altaneiras das villas cercadas, partiam, em vez de virotões, pergaminhos d'avisos enviados pelas béstas, onde se contavam conjuras e traições. Faltava apenas a coragem d'um franco ataque contra o Mestre, mas as tentativas faziam-se cobardemente sobretudo da parte d'um tal João Affonso que usava vir em rapida galgada, d'espora fita e lança enristada, fingindo brincar com o defensor do povo. A gente limpa da hoste franzia o sobrecelho e espionava o cavalleiro, até que um dia Fernão Alvares atravessando o cavallo na carreira do outro disse-lhe de má sombra que lhe parecia mal tal brinquedo.

—«Que o fazia por jogatar e não por desprazer», respondeu o outro.

—«Pois ide a outros com esse jogatar e não ao senhor com quem viveis».

Entraram de correr vozes d'accusação sobre o caso e o Mestre fel-as calar, até que um dia se descobriu uma conspiração na qual entravam, além de varios fidalgos que tinham gente armada em seus castellos, os condes D. Gonçalo e D. Pedro, bem como a esposa d'este, Gonçalves de Figueiredo, D. Pedro de Castro e um escudeiro asturiano até ahi bem tido por fiel e que se chamava Garcia Gonçalves. Ao serem presos alguns dos conjurados os outros deram de redea para Castella e só o asturiano cahiu nas mãos do mestre d'Aviz que, ao escutar-lhe as evasivas, o mandou lattegar pelo carrasco deante da hoste que ficou salpicada da sangueira que espirrava d'essa carne rasgada emquanto ouvia a confissão feita pelo misero. Garcia Gonçalves foi atado a um poste; a seus pés fez-se uma pyra de lenha sobre a qual se lançaram oleos e logo, ao atear-se-lhe o fogo, elle pedia perdão jungido pelas correntes ao tronco: a carne rechiava, o desgraçado contorcia-se n'uma agonia espantosa e a chamma lambia-o gulosamente e levava-lhe a pelle, deixava-o em carne viva e acabava por torrar-lhe os ossos no meio da grita vingativa da hoste portugueza e deante do Mestre, impassivel e grave. No acampamento castelhano ouviam-se os gritos do condemnado, e então João Duque, que fôra o instigador da conjura e lá governava uma mesnada de Castella, mandou cortar

as mãos e os narizes aos portuguezes prisioneiros e assim os enviou, mutilados e sangrando, trazendo ao pescoço os membros decepados, para que mostrassem ao Mestre a sua desforra. Quando viu assim gente da sua, agora de rastos, n'uma poceira de sangue, acommetteu-se de furor, mandou atirar a uma cisterna todos os captivos castelhanos, confiscou os bens dos conjurados e tirou a desaffronta brilhante da traição vencendo Castella á luz do dia, sob um sol d'oiro todo de gloria, nos plainos heroicos d'Aljubarrota.

Depois, D. João I esqueceu o ultrage feito ao Mestre d'Aviz. Seu filho D. Duarte governa cheio de melancholia e de desgostos, e seu neto D. Affonso V chega a vêr um attentado contra o seu poder da parte de seu tio e seu sogro D. Pedro, o regente, que o bastardo Bragança accusava. O supposto regicida é morto em batalha no campo d'Alfarrobeira e d'ahi a annos, como se a Providencia quizesse punir pela mão do neto de D. Pedro o filho do accusador, é o duque de Bragança D. Fernando que sobe ao cadafalso em Evora.

Os Braganças, cheios de orgulho e de honrarias, tendo os melhores castellos do reino, habituados a ser quasi soberanos, viam com maus olhos esse D. João II, erguido a dominar a nobreza que queria fazer justiça dentro dos seus castellos, que desejava viver fóra da jurisdição real e tratar o soberano em pé de egualdade. A mão de ferro do rei esmagava-os e elles entraram a travar relações com Fernando e Izabel de Castella. Tinha-se juntado no Vimieiro com o duque de Vizeu para deliberarem ácerca do que era necessario fazer e logo o rei o soube por um Gastão Juzarte que contou ao soberano da ida d'um seu irmão, creado dos Braganças, a encontrar-se com os reis castelhanos. Falava-se já baixinho da conspiração. Em Evora o duque pediu ao rei para castigar os que falavam; D. João II mandou-lhe que o seguisse e, com uns ares de bonhomia, disse-lhe que, para bem se averiguar todo o succedido, melhor seria considerar-se preso para que se lhe fizesse justiça.

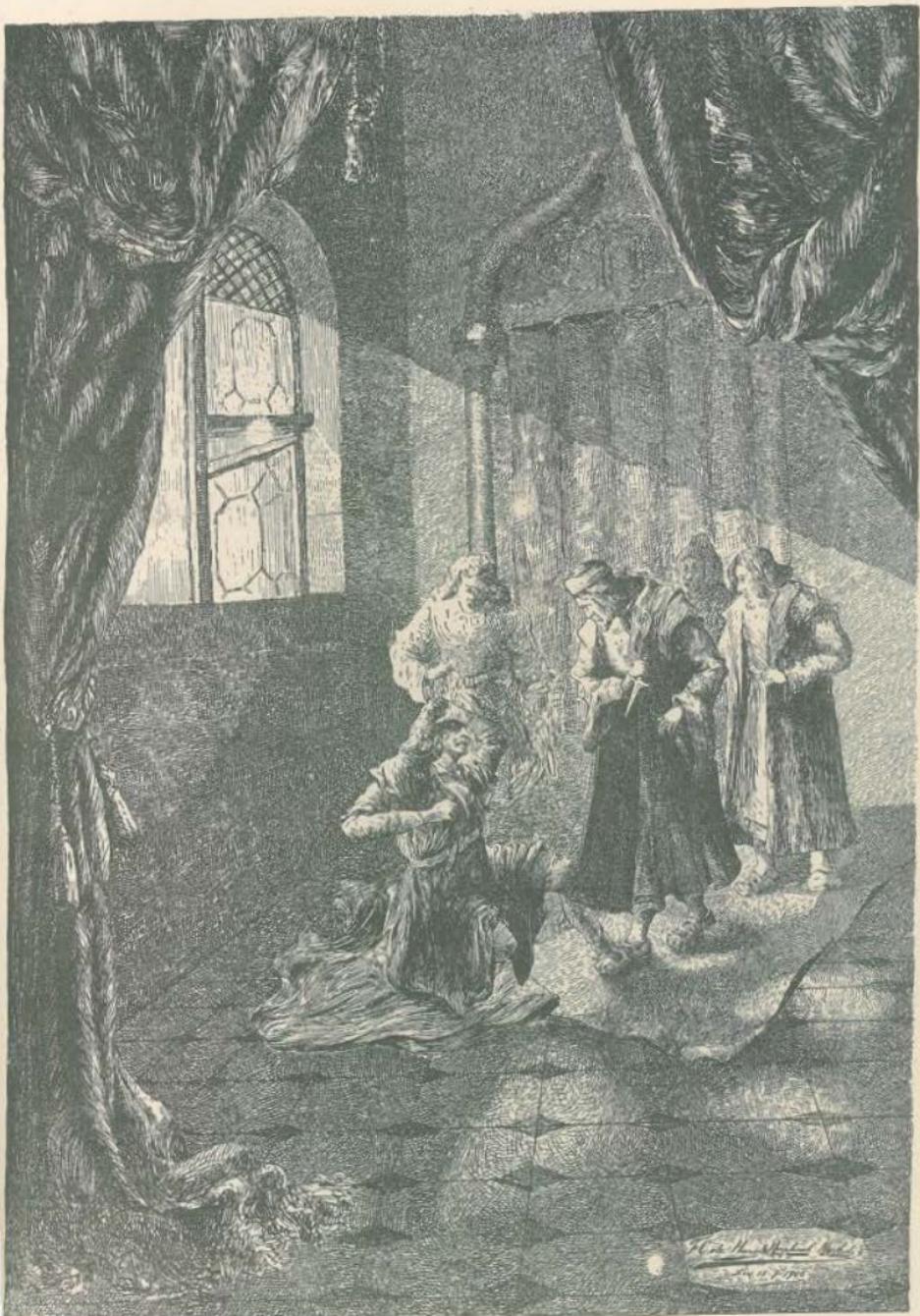
Appareceram então Ayres da Silva e Antão de Faria que o levaram; reuniu o conselho, o povo correu em armas ao paço na ancia d'espostejar o Bragança, emquanto os alcaides dos seus numerosos castellos se entregavam submissos. A familia do preso, os condes de Faro e o marquez de Montemór, com os filhos do duque, D. Filippe, D. Jayme e D. Diniz fugiram para Castella, e o rei, fingindo clemencia, chorava no conselho e escutava os amigos do Bragança que vinham pedir piedade; nomeiava advogados para o réu e esquecia que pódia perdoar.

Então, n'uma sala forrada de razes que representavam a justiça de Trajano, reuniram-se vinte e um juizes presididos por el-rei que tratava o duque com a maior cortezia, e este, vendo a comedia, deliberou, no dia da leitura da sentença, mandar dizer ao soberano que não apparecia porque estava tratando de, ao menos, salvar a alma. Foi condemnado á morte por unanimidade e sahiu montado n'uma mula gualdrapada de luto e conduzido para umas casas da praça d'Evora, junto das quaes levantaram um cadafalso; vestiram-lhe um ferragoulo negro, ataram-lhe as mãos, e deante da tropa e do povo que enchia o logar, o duque passou para o cadafalso.

Era no mez de junho e abafava-se no recinto; o povo, agora, estava admirado de semelhante acção e esperava ainda a clemencia do soberano deante d'aquelle carrasco mascarado que aguardava o réu, encostado ao cabo alto do grande cutello lampejante. Sem alarde, mas sem medo patente, D. Fernando poz a cabeça no cepo.

Áquella hora esse filho do accusador de D. Pedro pagava, pela mão do neto da victima d'Alfarrobeira, um delicto d'esta vez comprovado. O cutello ergueu-se, relampejou e, n'uma poça de sangue, a cabeça do Bragança cahiu na praça e manchou o luto do cadafalso ao roçar os pannos que o cobriam. Os sinos tocaram a finados, os fidalgos estremeceram de receio, e o povo ficou a respeitar mais aquelle rei que ordenava a exposição do cadaver sobre o patibulo durante uma hora e se vestia de luto por tão proximo parente, dizia elle, enxugando umas lagrimas de politico. Tomou para a corôa todos os castellos do justiçado e ordenou então á côrte que se vestisse de nojo.

D. Affonso VI

Foi assim, entrajado n'esse lucto que bem lhe recordava o novo predominio do rei e a morte do amigo querido, que o duque de Vizeu entrou a conspirar.

Era cunhado do rei, irmão da rainha D. Leonor. O soberano mandou-o chamar; disse-lhe que sabia do seu trama com o Bragança, mas que lhe perdoava por ser uma creança.

O Vizeu retirou-se tremulo de receios, tanto mais que D. João II lhe dissera saber que a alma da conjura fôra o marquez de Montemór, irmão do Bragança, agora em Castella, mas que bem se vingaria.

Não o poude apanhar, nem com o punhal dos emissarios que lá mandou, nem por um tratado

D. João III apunhalando no paço de Setubal o duque de Vizeu

secreto e então quiz justiçal-o em effigie. Ergueu-se um cadafalso em Abrantes e sobre elle collocou-se uma estatua muito parecida com o marquez, vestida de cota, tendo na mão direita uma espada e na esquerda uma bandeira com as suas armas. Os juizes leram-lhe as culpas e a sentença, um rei d'armas, em largos discursos, arrancou-lhe a espada e a bandeira, o capacete e a cota. A estatua ficou em gibão. O carrasco cortou-lhe a cabeça e d'ella, como n'uma comedia de jograes, sahiu... sangue. Lançou-se logo fogo ao cadafalso e o marquez de Montemór, ao saber do caso, morreu em Castella como se a farça de D. João II o abatesse.

Começaram as represalias. O rei não tinha um momento de socego: uma vez, junto ao convento da Annunciada em Lisboa, lendo nos olhos dos seus cortezãos uma resolução decidida, encostou-se contra o muro da egreja e levou a mão á espada como por acaso e só d'ali sahiu quando veiu a escolta; outra vez, estando a dormir nos paços de Santarem, sentiu que batiam com grande força á porta e agarrando logo no montante correu pelas casas, foi aos sotãos com uma tocha accesa em busca do ousado para assim mostrar que não temia os conspiradores. Falaram em almas do outro mundo ao verem-no sereno, e elle sorriu, deitou-se e adormeceu tranquillamente.

Mas já se tramava uma nova conjuração. Agora eram o bispo d'Evora D. Garcia de Menezes, seu irmão D. Fernando, Fernão da Silveira (Alvito), D. Gutierres Coutinho, D. Alvaro d'Athayde e seu filho, Pero d'Albuquerque e o conde de Penamacôr. O bispo urdira o trama e dera a chefia nominal ao duque de Vizeu. Estava na traição a maior nobreza do reino. O bispo tinha uma amante, irmã de certo Diogo Tinoco que, sabedor do caso, o foi narrar ao rei, indo vestido de frade a um convento de Setubal e recebendo cinco mil cruzados d'oiro. Vasco Coutinho, irmão de Guterres Coutinho e seu amigo tambem, deu parte do succedido ao rei, que lhe concedeu o titulo de conde de Borba em troca do sangue de seu irmão. Devia ser assassinado na praia, á volta d'Alcacer pelo Sado, e o rei, avisado, voltou por Landeira com uma forte escolta. Repousou em casa de Nuno da Cunha, em Setubal, e mandou chamar o duque de Vizeu que, ao apparecer deante d'el-rei e dos fidalgos mais achegados, foi tomado por um braço e depois de ouvir tudo quanto D. João II sabia da sua conspiração, recebeu uma punhalada no coração vibrada pela mão real. Quando o corpo cahiu, o rei ordenou que prendessem os seus cumplices e desde logo o bispo d'Evora foi mettido n'uma cisterna onde lhe deram veneno, visto o seu caracter sagrado não permittir que subisse ao patibulo; D. Vasco, irmão do denunciante e cuja vida el-rei jurára resalvar, foi preso para uma torre d'Aviz e lá morreu envenenado; D. Fernando de Menezes foi decapitado e esquartejado com D. Pedro d'Athayde e Pero d'Albuquerque, e só Alvaro de Athayde fugiu para Castella e Fernão da Silveira para Avinhão, onde foi morto por um enviado do rei.

Mandou então expôr na praça o cadaver do duque de Vizeu e ainda com a mão tinta de sangue chamou o irmão do justiçado, D. Manuel, contou-lhe tudo, fez-lhe doação dos seus bens e concluiu dizendo:

— Quiz matar-me, matei-o primeiro, primo!

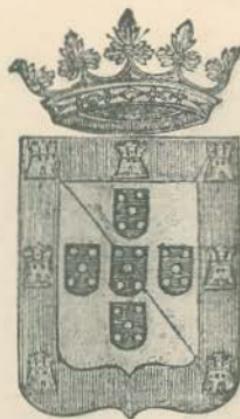
D. Manuel ajoelhou e beijou a mão sangrenta que lhe matára o irmão. Foi rei porque D. João II viu morrer o filho unico; porque a côrte lhe negou o direito de fazer soberano o bastardo que tinha de Anna de Moura e do qual veiu a casa de Aveiro. Um descendente d'essa casa devia morrer tambem como regicida no reinado de D. José, — como se o Bragança vingasse o seu antepassado como a nobreza começou a vingal-o envenenando D. João II.

◎

Reinava agora a casa de Bragança. Os filhos do justiçado tinham sido repostos nas honras por D. Manuel e quando o reino se abateu no declinar da casa d'Aviz eram elles um dos seus herdeiros. O golpe de 1640 expulsa os Filippes. D. João IV subia no throno que ainda em 1639 recusava, offerecendo-se ao castelhano para vice-rei de Portugal. A nobreza sabia da pusillanime acção do monarcha e conspirava por Castella.

Escudo dos Marquezes de Tavora

O rei andava em amores com a condessa de Villa Nova e Figueiró que D. Francisco Manuel de Mello, o escriptor de talento e o fidalgo vindo de reis e ennobrecido por seus feitos, requestava tambem. D. João IV uma noite sahiu de casa da dama ao tempo que o fidalgo entrava. No escuro d'uma escada batem-se: o rei, ao que parece, reconhece o adversario que apesar do seu grande talento, da sua grande nobreza e dos seus feitos de capitão é enviado para a torre de S. Gião como accusado de intrigas com Castella, e d'ali deportado. Não se falou em regicidio e decerto não houve mais que um duello que o rei não soube perdoar, ferido não só pela espada do elegante poeta mas tambem pelo ciume que é pecha de grande monta mesmo para o coração dos reis.

No emtanto a nobreza não estava contente, e o rei de Hespanha accenava com grossas prebendas aos fidalgos portuguezes. Em Madrid, flanando galas, viviam muitos que ainda esperavam a resurreição do dominio de Castella e faziam a sua côrte não acceitando o Bragança como rei. Se o tinham conhecido tambem affecto á Hespanha!

O arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos Noronha, prelado rancoroso que fôra um grande amigo da duqueza de Mantua e casára D. João IV com D. Luiza de Gusmão nos paços de Villa Viçosa, quando ainda estavam arredados da corôa, pensava que o chamariam para os grandes logares na nova côrte, mas como isso não succedesse

metteu-se de intelligencia com Castella e tramou na sombra uma conspiração para a qual arranjou a cumplicidade do marquez de Villa Real, que, receando perder os seus cargos e a sua fortuna se os hespanhoes voltassem, entrou na conjura e a ella buscou arrastar seu filho o duque de Caminha, que recusou. Mas já o inquisidor-mór D. Francisco de Castro, o conde de Armamar e um mercador opulento chamado Pedro Baeça e Ruy de Noronha, sobrinho do arcebispo, andavam de gorra com D. Agostinho Manuel que chamára a si dois officiaes descontentes, Diogo de Brito e Belchior Correia de França. O mercador, thesoureiro d'Alfandega, dizia que poderia apresentar com mais dois burguezes, Diogo Lisboa e Simão de Sousa, a quantia de um milhão e trezentos mil cruzados, e falou n'isso ao contador da fazenda Luiz Pereira, que denunciou a conjura ao rei. O conde de Vimioso, convidado pelos fidalgos a ser contra o monarcha, fez a sua accusação ao mesmo tempo que os creados de Pedro Baeça faziam tambem a sua delação. Presos os militares Brito e Correia de França, e postos a tratos, declararam que no dia 5 de agosto de 1641 devia rebentar a revolução pela qual se apossariam da familia real, para o que deitariam fogo aos quatro angulos do paço da Ribeira. Os conspiradores foram presos, alguns mesmo á entrada do paço e conduzidos á torre de Belem como o conde de Val de Reis e Lourenço de Carvalho; em S. Filippe de Setubal o conde de Castanheira, e outros a diversas fortalezas, sendo só condemnados os chefes da conspiração na qual era accusado de entrar tambem o grande general Mathias d'Albuquerque, o vencedor da batalha do Montijo, victima d'uma aleivosia.

Escudo dos Duques d'Aveiro

Ergueu-se o cadafalso no Rocio. O marquez de Villa Real appareceu de capuz escuro e tremendo, os dedos pollegares atados com fitas negras. Sentou-se na cadeira e pediu perdão ao povo que o insultava ferozmente. A sua cabeça branca destacava-se no fundo negro do patibulo. Lançou ainda um ultimo olhar ao duque de Caminha, seu filho, que apenas era culpado de não o ter denunciado ao rei.

Tambem quando a cabeça do marquez, espirrando sangue, rolou e sobre aquella nodoa vermelha do cadafalso, e o duque appareceu sereno, mas pallido, o povo saudou-o. Sabia porque elle ia morrer. Não quizera trahir o pae! Como na decapitação do Bragança, é por um carrasco mascarado que este rei d'agora manda executar a sua sentença. A duqueza de Caminha fôra de rastos supplicar piedade á rainha, levara-a comsigo o bispo de Lisboa, e D. Luiza de Gusmão dissera com o seu sotaque de hespanhola e com o seu orgulho de rainha de alguns dias:

— «O que vos posso fazer de mercê é não dizer que me fizestes semelhante pedido.»

Assim caiu a cabeça do duque; logo a do Armamar que se apresentou despresador; depois a de D. Agostinho Manuel. Um gesto do carrasco mostrou os corpos n'um mar de sangue e a turba gritou: Viva D. João IV!

Foram logo enforcados os plebeus (depois de torturas feitas na prisão, que os fizeram apparecer como aviltados. Os padres foram mettidos n'uma prisão d'onde mais tarde sahiram perdoados ao passo que a nobreza se vingava em Francisco de Lucena, secretario d'Estado, que aconselhára o rei a ser inclemente com os traidores fidalgos. Disseram que a elle se devia aquelle cadafalso e quizeram erguer-lhe tambem um.

Accusaram-no de ter correspondencia com Hespa-

O paço da Ribeira, no seculo XVII

O jesuita *Cardeal* tenta assassinar D. Maria I

nha e D. João da Costa, um general portuguez, entra na intriga, urde-se uma trama e veem fazer revelações um tal Pedro Bonete, Manuel d'Azevedo e Antonio Coelho, que fôra creado do ministro. Francisco de Lucena foi decapitado e os outros, quando esperavam receber a recompensa para que não dissessem quem lhes pagára a felonia, foram arrastados ao rabo de cavallos e depois enforcados. D. João IV dava assim uma satisfação á fidalguia immolando o seu secretario no qual ella desejava vingar-se.

Travou-se de seguida outra conspiração contra o rei. O seu auctor era um tal Domingos Leite, que viera de Castella para assassinar o rei no dia da procissão do Corpo de Deus e alugara umas casas no sitio onde a rua dos Fanqueiros volta para o largo dos Torneiros. Ahi ervara as balas da sua espingarda e por uma setteira feita na parede devia matar o soberano, o que não fez por motivos desconhecidos. Era seu companheiro n'esta jornada de crime um certo Manuel Roque que ao vel-o regressar ao logar onde o esperava e sabendo que não levara ávante o seu projecto, jurou denuncial-o e o induziu a vir segunda vez de Castella a Portugal. A denuncia foi feita. Dizia-se que D. João IV fôra amante da mulher do plebeu e d'ahi vinha esse grande odio, mas nunca se poude provar o caso n'um tempo em que os chronistas escreviam de rastos e a salario dos grandes.

Domingos Leite foi enforcado e de seguida os seus membros decepados affixaram-se em postes no logar do delicto. A cabeça apodreceu espetada n'uma haste mesmo defronte d'um altar que se erguera no sitio. Fizeram-se procissões no local para o expiar e D. Luiza de Gusmão mandou arrasar as casas e sobre ellas edificar uma egreja de carmelitas onde quiz ser enterrada, o que o terramoto destruiu.

◉

D. Affonso VI foi deposto do throno pelo irmão, como D. João VI esteve para o ser pelo filho D. Miguel com a cumplicidade de Carlota Joaquina. Os regicidios são apenas ataques publicos á vida dos reis. Affonso VI morreu em Cintra emquanto sua mulherse entregava nos braços do cunhado; o rei João cahiu á entrada do paço da Bemposta em vomitos e convulsões, á volta de Belem. Correram novas que tanto um como outro soberano tinham sido envenenados. O doutor Vieira que tratava de D. João VI, morreu dias depois, quasi de repente; da prisão de Cintra onde esteve Affonso VI não veiu uma prova sequer. Se houve regicidios estes ficaram impunes e foram ordenados por quem desejava bem o desapparecimento d'essas duas sombrasde soberanos para lhes succeder ne mando ou no throno.

◉

No reinado de D. José apparece a conspiração do duque d'Aveiro e dos Tavoras. Sabe-se que D. José era amante da marqueza nova D. Thereza, esposa de Luiz Bernardo de Tavora, e que n'uma noute em que o rei voltava talvez dos braços d'ella, pelas bandas da Quinta do Meio, se dispararam alguns tiros contra a sua sege. Guardou-se silencio do caso durante alguns dias. Nem mesmo a rainha entrava nos aposentos reaes, e quando o marquez de Tavora pretendeu fallar ao soberano foi preso por ordem de Pombal. Dentro em pouco jaziam no pateo dos Bichos em Belem, além do duque de Aveiro, que foi preso em Azeitão, dos Tavoras e d'alguns creados, varios fidalgos e jesuitas que foram conduzidos ao forte da Junqueira.

Em 13 de janeiro de 1759 levantou-se o cadafalso na praça de Belem, no sitio hoje chamado o Chão Salgado, porque ali derrocaram as casas que eram do Aveiro, ergueram o patibulo, salgaram o chão e prohibiram de edificar, como ainda se mostra por um marco que lá existe.

A marqueza de Tavora foi a primeira a ser justiçada. Estava frio; ella sentou-se na cadeira, compoz a saia, ligaram-lhe as mãos sobre o peito e vendaram-lhe os olhos, tendo-lhe antes mostrado, um por um, os instrumentos da tortura e levando-a depois devagar. O carrasco tirou-lhe o lenço do pescoço para melhor assentar o cutello e ouviu a marqueza supplicar-lhe:

—Não me descomponhas!

Eram oito e meia da manhã; recebeu um golpe na nuca dado pela banda de traz e a cabeça ficou-lhe ainda ligada e pendente sobre o seio, arrancaram-na então, mostraram-na ao povo, desligaram o cadaver da cadeira e atiraram-no para o lado cobrindo-o de negro. Veiu depois José Maria de Tavora, filho da marqueza, seguro por dois frades e quasi desmaiado. Trazia as mãos atadas. Prenderam-no a uma aspa onde foi garrotado. A corda estalou. Os carrascos ergueram as maças e começaram a pisar-lhe os ossos. Chegou depois o conde d'Athouguia, que vinha exaltadissimo, e logo o enforcaram sendo-lhe os ossos quebrados na roda, e depois com os maços, e o mesmo fizeram a Luiz Bernardo de Tavora, o marido da amante do rei. Egualaram então no supplicio o cabo de ca-

D. Maria I

lançaram ao pescoço do vivo um sacco com pez e enxofre, puxaram assim fogo ao cadafalso onde o desgraçado soltava gritos estridentes. Os corpos dos justiçados ardiam, subia um cheiro nauseante de carne queimada e o vento norte ateava mais o incendio. O povo fugia espavorido de tanta atrocidade e os carrascos ao anoitecer foram lançar ao Tejo as cinzas dos réus e as dos patibulos. Depois é em Villa Viçosa, no anniversario da morte do duque de Aveiro, que um pobre do Fundão de alcunha *Migas-Frias* se lança á paulada sobre o rei, que o conde de Prado tenta defender debalde. Nunca se soube o que lhe succedeu. É ainda João Baptista Pelle que pretende fazer voar a sege de Pombal com uma machina terrivel, e que o rei manda punir como se tivesse commettido um regicidio, sendo então arrastado pelas ruas ao rabo de dois cavallos a todo o galope e deixando na corrida infrene alguns membros dispersos.

No reinado seguinte um jesuita doido—ao que disseram—um tal Cardoso a quem chamavam o *Cardeal*, tenta matar a rainha Maria I, que o faz embarcar para Genova, não querendo tocar na sua cabeça sagrada, ella toda de devoção e crença acerrima.

Paralysaram-se então os attentados. A realeza não é atacada pelos ferros dos sicarios e só no reinado de D. Pedro V, o povo—cujo vozear é sempre nascido d'algum facto positivo—clama contra os que accusa de terem assassinado o rei e a familia real, os que vê como regicidas, e que, se o foram, escaparam ás penas porque o seu delicto foi praticado na sombra, no mysterio, como succedeu com Affonso VI e com João VI.

Por todo esse sangue vertido nos cadafalsos não correu uma só gotta de sangue real. Apenas o gesto condemnou os regicidas cujas armas jámais afloraram a pelle d'esses reis portuguezes, a não ser no mysterio que os paços guardam e que a historia mal póde revelar!

ROCHA MARTINS.

vallaria Braz José Romeiro e Manuel Alvares, guarda roupa do duque d'Aveiro, bem como João Miguel seu creado. Elevaram mais o cadafalso. Chegava o marquez de Tavora e mostraram-lhe os cadaveres da sua familia, aquella carne morta e ensopada em sangue, feita em massa informe, depois o verdugo com uma tranca de ferro do peso de dezoito arrateis bateu-lhe no peito e ao mesmo tempo que o viam por terra outros lhe foram partindo com a mesma furia os braços e as pernas. Ao duque d'Aveiro fizeram outro tanto sendo a pancada atirada ao ventre o que mais o fez soffrer. Por fim veiu uma estatua de José Polycarpo d'Azevedo e Antonio Alvares irmão do guarda roupa do duque d'Aveiro. Embrearam o homem e a estatua, amarraram-nos a um poste,

Os registros e bentinhos dos conventos velhos

Está por escrever a vida intima das grandes communidades monasticas em Portugal. A não ser as ligeiras monographias de Lino d'Assumpção acêrca de Lorvão e das bernardas ricas, e o rapido estudo de Luciano Cordeiro, no seu livro *Sorôr Marianna*, sobre os delirios sensoriaes das franciscanas pobres,— pouco ou nada conhecemos que nos dê a psychologia collectiva das multidões conventuaes e muito menos a psychologia individual da freira portugueza, tão interessante na sua ingenuidade e na sua sensualidade, no seu mysticismo e na sua ternura.

Evidentemente, não é nosso proposito fazer esse estudo nas duas paginas fugitivas e leves d'um *magazine*. Só para a freira do seculo XVIII não bastaria um semestre da *Illustração Portugueza*,— se a quizessemos encarar sob o seu multiplo aspecto de religiosa, de poetiza, de comediante, de amorosa, de fidalga, de nevropatha, de perdularia e de cortezã. Estudar a freira em Portugal,— é estudar a Mulher portugueza. Dentro das dobras rigidas d'um habito de dominicana ou de bernarda, de franciscana ou de agostinha, dorme o eterno symbolo sentimental da portugueza sombria e fervorosa, que chorava como a marqueza d'Aguiar, cantava ao cravo como a madre Paula, pedia ao cavalheiro de Chamilly que a fizesse *«soffrer cada vez mais»*, ou pendurava sensualmente um relicario d'ouro no bico ensanguentado de cada peito. Nunca o amor, na sua forma humana ou divina, subiu tão alto em emoção e em sensualidade, como nos velhos conventos de freiras de Portugal. Estudar esses conventos, na sua psychologia confusa e ás vezes barbara, complicada e quasi sempre violenta,— é fazer a historia sentimental e amorosa da nossa raça e reconstituir o typo ao mesmo tempo profundo e pueril, sensual e honesto, da nossa Mulher.

Mas o intento d'este pequeno artigo é muito mais modesto. Não é á Mulher, nos seus multiplos aspectos tornados ainda mais complexos pela influencia do habito e pelo excesso de vida interior da clausura, que nós vamos referir-nos. É tão sómente á freira, ou melhor, á *freirinha*, na sua face pueril e ligeira, tradiccional e estreitamente devota. Nada mais encantador do que a vida intima dos conventos sob este restricto ponto de vista. Nada mais cheio de ternura, do que os disvellos pacientes postos por aquellas pobres creaturas condemnadas á perpetua esterilidade e á perpetua reclusão, nas inutilidades mais infantis e nas ninharias mais desgraciosas. Acode-nos aos labios um sorriso ao mesmo tempo de doçura e de pena, ao recordar as florinhas de papel, os registros coloridos, os bentinhos de sêda, os corações, as rosas, os signos de Salomão, as receitas de dôce, os pequenos nadas em que aquelles dedos pallidos e sem joias se entretinham dias e dias, noites e noites, de refeição a refeição, de hora a hora canónica. Apartadas do mundo, vivendo na communidade uma vida pueril, creanças eternas que um mantéo toucava e um escapulario envolvia,— um registro de determinado santo, uma medalhinha de determinada devoção, eram para ellas negocios importantissimos que ás vezes se chegavam a resolver menos evangelicamente, puxando dos cordões ou remangando da sandalia. Havia registros coloridos que passavam de mão em mão, atravez gerações, guardados com um cuidado supersticioso e meticuloso,—que eram inclusivamente deixados em testamento pelas madres velhas ás irmãs novas, e que constituiam ás vezes — pobres d'ellas! — toda a sua riqueza temporal. Ninguem calcula o apêgo e o amor d'esses *«passarinhos d'encerro»*,— como lhe chamava um jesuita galante do seculo XVIII,

Uma pagina do curioso Album dos conventos [Gabinete de Estampas da Bibliotheca Nacional]

— ao mais insignificante bentinho ou ao mais modesto signal de livro, ao registro mais ingenuo ou á mais semsabor das orações illuminadas. As freiras mais prendadas e mais praticas bordavam, faziam doce, engommavam a ferro d'encannudar os corporaes, as toalhas d'altar, as alvas, os rochetes do sr. bispo da diocese, ou teciam a ouro paramentes inverosimeis de paciencia e de sumptuosidade, por encommenda da senhora D. Maria I ou do sr. D. João V. Estavam sempre entretidas, sempre risonhas, sempre felizes. Mas as outras, — as pobres outras? Que haviam ellas de fazer senão colorir registros, recortar flores de papel, fazer corações de seda, inventar puerilidades e ninharias para entreter aquellas longas manhãs sem aborrecer o proximo, — e aquellas longas noites sem tentar a Deus?

Ora positivamente quem conseguisse reunir todos esses registros e todos esses bentinhos, todas essas orações e todas essas imagens, todo esse espolio infantil e supersticioso de gerações e gerações de freiras, quem pudesse coleccionar n'um *dossier* collossal toda essa obra commovedora e tranquilla da piedade secular da freira portugueza, teria realisado a documentação indispensavel para escrever um dos mais interessantes capitulos da grande obra por fazer que seria a «Historia da communidade monastica em Portugal». Mas isso é um absurdo! — dirão. — Como poderia reunir-se, atravez seculos, essa collecção de peque-

B. CATHARINA THOMAZIA CONEGA
REGULAR

HABITABIT IN SOLITUDINE JUDICIUM

ninos papeis e de pequeninas imagens, de pequeninos registros e de pequeninos bentinhos, de pequeninas flores de papel e de pequeninas orações illuminadas,—se tudo isso, todas essas reliquias pueris e sem valor historico ficaram sepultadas no pó das mesmas sepulturas, na sombra dos mesmos claustros, na cinza do mesmo esquecimento?

Entretanto—puro engano!—essa grande collecção, esse *dossier* enorme, esse supremo impossivel, fez-se e existe. Realisou-o pacientemente o erudito Inspector das nossas bibliothecas e archivos, o illustre colleccionador dos *Documentos d'Evora*, o organisador intelligentissimo do gabinete de estampas da Bibliotheca Nacional,—o sr. Gabriel Pereira. E um album collossal contendo milhares de documentos relativos aos conventos da *Estrella*, das *Flamengas*, de *Odivellas*, de *Jesus* (Setubal), das *Francezinhas*, de *Santa Joanna*, das *Albertas*, da *Esperança*, de *S. Bento*, de *Santa Martha*. A medida que, pela extincção dos conventos, iam revertendo para a bibliotheca as suas ricas ou modestas livrarias, o illustre investigador folheava pacientemente, commovidamente, os livros que iam chegando, os *Breviarios* e os *Livros d'orações*, os *Horarios* e os *Rituaes romanos*, os *Missaes* e as *Regras* das ordens, e colhia de entre as suas paginas amarellecidas, enrugadas, carunchosas,—registros e orações, imagens e signaes, flores e folhas seccas, tudo aquillo que á poeira e á cinza dos seculos entregára a piedade das pobres freiras e a gravidade das ricas abbadessas. Foi tudo systematicamente disposto, cuidadosamente organisado, benedictinamente collado em grandes fólios depois mandados brochar e encadernar,—e ao fim d'algum tempo, com um carinho de amoroso, com uma ternura de verdadeiro poeta, com um instincto de authentico colleccionador, o sr. Gabriel Pereira tinha realisado uma das fontes mais interessantes para o estudo da vida intima das communidades monasticas em Portugal. E d'essa bella collecção a que *Illustração Portugueza* escolhe hoje alguns registros mais curiosos relativos a santos e a beatos portuguezes, a bispos e a priores mortos em cheiro de santidade, um bentinho de S. Lazaro contra a lépra, e duas originalissimas paginas de varias obras escriptas, coloridas e recortadas por freiras, cuja reproducção vale por todas as descripções.

E o certo é que, ao proceder a semelhante escolha, quem escreve estas linhas sentiu-se insensivelmente penetrado d'uma vaga piedade, d'uma singular commoção, ao pensar que um dia, sobre esses registros velhos e amarellecidos, poisaram as nobres mãos das dominicanas de Santa Joanna ou das franciscanas ricas d'Odivellas!

MEIO SECULO DE VIDA COIMBRÃ

Coimbra, o burgo tradicionalista ◎ De como o romantismo cavalheiresco é incompativel com a prosaica vida moderna ◎ O culto de duas gerações ◎ Ayres de Gouveia, Barjona de Freitas, Antonio Candido e Hintze Ribeiro ◎ O «urso» Veiga Beirão ◎ A actividade litteraria da academia de ha quarenta annos.

COIMBRA, de capa e batina, volta, sapato de fivella e meia de sêda, com a hirta austeridade da sua Sé Velha, as multiplas e silenciosas fachadas dos seus mosteiros, capellas e collegiadas, a architectura lisa e massiça do edificio universitario, a *cabra* e a porta-ferrea, as praxes e os praxistas, os archeiros, as arrufadas e a inexcedivel *fanfarra* que ainda toca modinhas e valsas do tempo da Maria Castanha, é por excellencia a terra querida das tradições e dos in-folios, da reverencia e do latim, uma especie de velha bem composta e conservada, encanecida e brégeira, de oculos, capote e lenço, a sorrir, engelhada e melancholica, ás faces sadias dos rapazes.

A cada canto uma inscripção, um estatuto, uma ballada, um dizer archaico, um nicho, uma recordação triste ou uma reminiscencia suave, ainda como que uma subtil nevoa de romantismo legendario, que se não dissipa de todo, antes se ergue como aquelles algidos nevoeiros que o Mondego a espaços faz crescer sobre a cidade e pairar nos cimos das collinas humedecidas.

Dobrando a esquina da viella escurecida, o *veterano*, arrogante e solemne, de botas de canhão de arregaçar, com o enxerto de duas esporas de ferro robustas e ameaçadoras, casaca e calção de ganga de alçapão, collete de fustão com franja, lenço preto ao pescoço, coifa azul ou rabicho, chapéu pardo com fita verde ou castanha, tarrasca á cinta e manopla, destraçava a capa e levava quixotescamente a mão á adaga, espreitando os passos ousados do caminhante brigão; e em vez de Braz Garcia de Mascarenhas, emplumado, ebrio, altivo e fanfarrão, surge á clara luz do bico Auer um burguez tranquillo, de olhar avêsso, a reboque d'uma prosaica bengala... N'aquella varanda onde vicejam cravos e tropa a madresilva deve morar uma donzella sentimental e romantica. Mas a sebenta tem dezeseis paginas, o socialismo é uma grave questão que preoccupa todas as mentes juvenis, e lá da mansarda sordida, onde vegeta uma pobre Mimi sem dote nem encanto, póde despenhar-se algum tremendo «agua-vae»... É todo um longinquo passado que se dilue ao rude contacto do realismo de nossos dias, como uma phantasiosa criação de floresta orvalhada, que um ardente sol vem beber e extinguir na plena ardencia de seus raios.

Ternas recordações ha ainda que jámais abandonam esta terra pittoresca e douta. São *suas*, de suggestão sempre viva e saudosa, como a exuberancia lyrica do Choupal, a floresta divina, a paizagem vasta e melancholica do Penedo da Saudade, o horisonte largo e as cambiantes rusticas e verdejantes do penedo da Meditação, as ceias da tia Camêlla, os debates e recitas do extincto theatro Academico, a Lapa dos Esteios, o Magrinho e os seus acepipes em cubiculos de lona, e as iscas inexcedidas do inexcedivel Julião, as arrufadas e os pasteis de Santa Clara, os palitos floreados e o mais que todos floreado Palito Metrico. É o relembrar saudoso d'aquelles que por aqui passaram um dia, batalhando, fruindo a vida, amando com insaciavel leviandade, n'um labor ardente de intelligencia e n'um expandir caloroso de sentimentos, odiando os seus *futricas* e furtando beijos ás suas *tricanas*, fazendo-se homens e nobilitando uma estirpe.

Terno rastro de outros tempos, de hontem ainda, que não se offusca nem extingue, rebrilhando sempre, n'um rebate constante de corações saudosos, e que a nós, que ora passamos na existencia coimbrã e vestimos capa e batina, irresistivelmente nos leva até elles, discutindo-os, respeitando-os, citan-lhes as chalaças e o bom humor, dirigindo-lhes com enthusiasmo aquella saudação melancholica que os que chegam lançam tristemente aos que já galgaram a mocidade ou, com mais suggestiva magua, se recolheram ao mysterio da morte.

Aqui compoz Antonio Candido as primeiras solemnidades da sua solemne e inspirada palavra, como Hintze Ribeiro e Julio de Vilhena corrigi-

Macedo Papança (Conde de Monsaraz)

E. Dally Alves de Sá

Julio de Vilhena

ram em sabbatinas a academica fluencia de seus verbos e recolheram em vigilias a elevada cultura de suas intellectualidades; Ayres de Gouveia, summa correcção em masculino donaire, aristocratico, elegante e impeccavel, passeando na botoeira o raminho mimoso perennemente florido, echo aprimorado do garrettismo peralta, ensaiou em suas prelecções aquella pomposa dicção e theatral rhetorica, que annos apoz viriam a adquirir nobres fóros de extremada elegancia e fariam resuscitar, d'um appello soberano, na tribuna sacra, a figura soterrada da obediente e heroica sentinella de Pompeia; Barjona de Freitas, escalando os doutoraes, esfusiava chalaças e concebia os planos do estadista; Veiga Beirão, no solemne bailado do *urso* á antiga coimbrã, bebia nos mais sisudos praxistas e commentadores a solida e complexa hermeneutica do futuro jurisconsulto; e na «Folha», na «Academia», no «Atheneu», na «Chrysalida» e no «Academico», Simões Dias, Candido de Figueiredo, Sousa Viterbo, Gaspar de Avellar, Alberto Telles, José Frederico Laranjo, Gomes de Amorim, Luiz de Andrade, Gomes Leal, Eduardo Cabrita, Manuel Sardenha, Eduardo Vidal, Barros Ribeiro, Eduardo José Coelho, Alberto Sampaio, Guimarães Fonseca, Severim de Castro, Duarte de Vasconcellos, Cunha Seixas, Lopes Praça, Emygdio Garcia e Vieira de Castro exercitavam os primeiros passos em polemica, critica, poesia, analyses, descripções e toda a especie de composição litteraria.

Foi até na «Chrysalida», onde Theophilo Braga era redactor com Simões Dias, que o sabio e fecundo espirito do grande pensador ensaiou as suas primeiras linhas de critica e observação litteraria e o aparar tenaz da penna, que n'um labor constante de excepcional amplitude, haviam de erguer e realisar o mais vasto e sobranceiro plano de elaboração investigadora que tem até hoje abrangido a lingua portugueza.

Hintze Ribeiro

Camillo collaborava no «Atheneu». Emygdio Navarro na «Academia», já desde então (1866), como sempre, n'uma plena e exuberante affirmação do excepcional talento e fulgurante estylo, fazia criticas theatraes, discutia Carlota Vellozo na «Cleta», ou em artigos de varia feição esboçava-se vigoroso o polemista, atacando com espumante ardor hispanico, rebatendo com brilho, mas sempre soberanamente lucido e generoso.

A ardente geração de Anthero de Quental ◎ A renovação intellectual e o patriarcha lo do grande espirito ◎ O Cenaculo da rua de S. João e a «Sociedade do Raio» ◎ Os companheiros do poeta.

Era a epocha da geração inclita e altiva de Anthero de Quental, a santa e genial creatura, alta e viril, de faces nervosas e transparentes de exacerbado sentimentalismo, com claras luminosidades de scandinavo na barba ruiva e apostolica e na fulva e loura grenha, forte e illuminado perfil de trovador e demagogo, que Eça de Queiroz, atravessando lentamente, com as sebentas na algibeira, uma noite macia de abril ou maio, o largo da Feira, avistou sobre as escadarias da Sé Nova, de pé, improvisando ao luar, crente, romantico e bello... E o inimitavel artista d'«A Reliquia», destraçando a capa, foi sentar-se n'um degrau, quasi aos pés de Anthero, *«escutando n'um enlevo, como um discipulo. E para sempre assim me conservei na vida.»*

Anthero e a sua phalange são um cyclo, uma dynastia superiormente marcada, a edade, porventura, de mais intenso ardor e fecundo proselytismo que registam os fastos revoltados da Academia de Coimbra. Toda uma mocidade intransigente e arrogante, «geração—diz Eça escrevendo de Anthero—nervosa, sensivel e *pallida* como a de Musset, que ainda se cobria convictamente com o manto phantasioso do Romantismo». Geração essa que recebia a forte renovação do intellectualismo germanico, lia Büchner, Hegel e Bastiat, Michelet e Vico, Gœthe, Pöe e Heine, pedia a benção a Bal-

Vicente Monteiro

Antonio Augusto de Carvalho Monteiro

R. Dater

zac e Hugo, thuribulava ardentemente Proudhon, repetindo em seu sincero rebate demolidor os canticos do apostolo, soffria com a Polonia suffocada e saudava a redempção unitaria da Italia, coroando de louros a fronte aventureira de Garibaldi.

Anthero, principe—diz Eça—da mocidade d'então, a intelligencia mais poderosa, o espirito mais original e promettedor do seu tempo, accrescenta outro seu amigo e contemporaneo, não era só, sendo o summo sacerdote da seita e o mais vibrante oraculo das idéas e aspirações da epocha.

A casa do largo de S. João era o Cenaculo, o fóco da galharda revolta das mais selectas mentalidades academicas, a assembléa calorosa e viva onde se cremava o cathedratismo ignaro e intolerante, concilio lettrado de orientação extrema, onde pairava a atmosphera rubra da revolução social, n'uma perenne e elevada conspirata de maçonaria, fulminando tudo e todos com as secretas resoluções da «Sociedade do Raio». Em volta de Anthero, compartilhando a sua intima bondade e a sua fulgurante intelligencia, estavam Santos Valente, Marianno e Francisco Machado, Philomeno da Camara, Felix dos Santos, Alberto Telles, Lobo de Moura, Germano Meyrelles, Frederico Philemon, Florido Telles, José Julio Rodrigues, Luiz Jardim, actual conde de Valenças, Alberto e José de Sampaio, Antonio de Azevedo Castello Branco, a demagogia pura e excelsa com a soberana figura de José Falcão e o romantico perfil de Manuel d'Arriaga, Theophilo Braga, que concebia, primeiro degrau de sua obra, as estrophes da «Visão dos Tempos», o sublime lyrismo da poetica e modestissima alma de João de Deus, Eça de Queiroz, o summo artista, e Anselmo de Andrade, que na «Epopéa da Historia» assignalava os primordios laboriosos e fecundos da sua erudita, artistica e superior mentalidade.

Teixeira de Queiroz (Bento Moreno)

Viviam em volta de «Santo Anthero», até que um dia elle os deixou, legando a todos a impressão salutar da sua alma ardente e boa, e a Manuel d'Arriaga, mais intimo, uns livros de Emerson e Vera e as suas tremendas botas ferradas de incançavel excursionista. Annos depois, o animo coimbrão e aventureiro de Anthero fazia em Lisboa uma segunda edição do Cenaculo, na travessa do Guarda-Mór, com Jayme Batalha Reis e Eça de Queiroz, paredes meias com uma habitação de conegos, uma *republica* original e inflammada, servida por um pobre filho de Tuy, a que elles, os gloriosos e transcendentes patuscos, tinham posto o nome de *Via-Lactea* e iam a miudo despertar perguntando-lhe com emphase «se tinha lobrigado a Idéa pura boiando na corrente Espiritual!»

O n.º 97 da Couraça de Lisboa: a morada dos poetas João Penha e Gonçalves Crespo — A pleiade da ante-camara do auctor das «Miniaturas»

A outro canto, poucos annos depois, no n.º 97 da Couraça de Lisboa, foi outra pleiade. Era o Parnaso em «dois andares»: Gonçalves Crespo no rez-do-chão e João Penha no primeiro. Na acanhada ante-camara de Crespo, reunia-se a miudo uma assembléa mais calma, sem preoccupações extremas de lucta e remodelação sociaes, litteraria, em frequentes discussões, em pé, por falta de cadeiras, com brandos gestos e limitadas phrases. Iam ali Marçal Pacheco, Coelho de Carvalho, os siamezes Monteiro (Vicente e Carvalho), Luiz de Andrade, Sergio de Castro, Alberto Braga, Vicente Pindella, Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), o futuro e consagrado romancista, a figura aristocratica e elevadamente intellectual de Bernardino Machado, Candido de Figueiredo e Antonio de Mello, que fez com o poeta dos «Nocturnos» a peça do quinto anno «*Extravagancias extraordinarias*» ou as «*Prophecias do Bandarra*».

A dolente e suave alma de Crespo, por onde perpassava, vaga e triste, a lembrança saudosa da terra brazileira, comprazia-se em romanticas divagações, olhos presos em Gauthier e Sully-Pru-

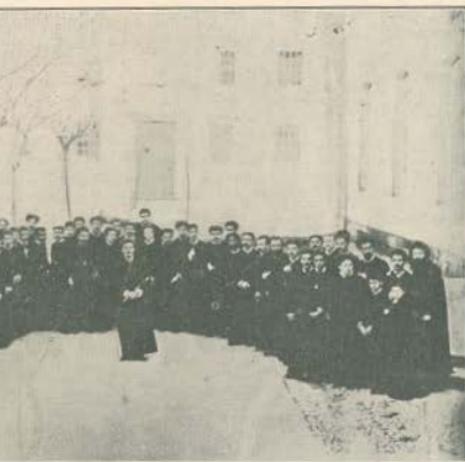
dhomme; e o seu silencioso perfil idealisava-se vivo e vibrante, deslisando sem cessar pelas florestas olympicas do Pindo, espreitando nymphas núas e preguiçosas na crystallina fluencia das aguas, rindo com a diabolica malicia dos Faunos, e pedindo a Heine uma apresentação a Dante, que passa de cabellos soltos pelo braço de Virgilio, de toga a arrastar e coroado de louros...

N'esse tempo outro bardo passeava por Coimbra a sua esplendorosa mocidade, rebelde e altivamente isolado, sem seita nem Cenaculo, trovando á lua, com a sua bella e tostada fronte de alemtejano, airoso, inspirado e solemne; era Macedo Papança —actual conde de Monsaraz—a quem Camillo visitava em Coimbra, e ao qual o grande escriptor, na noite da recita do 5.º anno, enthusiasmado com a belleza e donairo da *Princeza Thomazia dos «Figados de Tigre»* veiu saudar á bocca do camarote, presenteando a beldade com o volume de René Menard «L'Histoire des Beaux-Arts», encadernado em percalina azul e com uma quadra allusiva.

João de Deus

Tambem o poeta das «Crepusculares» deu-se durante algum tempo a feudal opulencia de morar só, n'uma casa com 42 quartos e 42 chaves, o que suggeriu a alguns companheiros seus a idéa de o irem esperar ao caminho em triumphal dia de acto, trazerem-no montado n'um jerico, fazendo-lhe entrega solemne das chaves do castello, em que não havia servente que parasse, porque o poeta, dia sim dia não, mudava de quarto e era uma tarefa para Titans o arrastar os moveis e sobretudo uma pesada commoda que não o largava!

Recordações do theatro Academico ◎ A Ristori, Emilia das Neves, o Taborda e a Virginia ◎ A gloriosa mocidade de um grande compositor: João Arroyo e o Orpheon Academico ◎ O patriarcha Aristides da Motta e a sua assembleia

Ha vinte e cinco annos transitava por Coimbra uma geração mais apaziguada e de menor ardencia, aquella que em 1880 fazia ajoelhar a alma nacional perante a figura relembrada do epico portuguez; escola de foliões de boa inspiração, alguns de elevada mentalidade, tribunos feitos na ribalta do theatro Academico, o edificio cujas ruinas ainda hoje lembram nomes gloriosos da arte, onde se applaudiu com vehemente enthusiasmo o Rossi e a Volpini, Emilia Candida e Taborda, que chegou a ser raptado para vir representar n'uma vespera de feriado, se victoriou com delirio a Ristori, que d'uma vez, por falta de comparsaria, teve de imprecar, com hellenico sentimento, algumas ingenuas e barbudas virgens escolhidas d'entre a academia, e se glorificou Emilia das Neves com aquella calorosa admiração, aquelle enthusiasmo de plateia, que não existe senão em Coimbra e

Commissão academica do tricentenario de Camões

Francisco Chaves [tambem 1.º tenor do Orpheon]— M. Joaquim Martins [?] — Eduardo d'Abreu—Lopo de Carvalho —Conde de Proença— Pedro d'Alemquer e Sousa — Mousinho d'Albuquerque — V. Joaquim Corrêa de Sá [?] — Alexandre Cabral — Jorge Sobral — A. Maria Henriques da Silva — Luiz de Magalhães — Padre Manuel Martins — Antonio Henriques da Silva — Araujo Alvares — João Arroyo — Domingos Ramos — João Antonio de Sousa — José Lopes Vieira — Carlos Lobo d'Avila — Babo Telles — Wenceslau da Silva — João Fontes Pereira de Mello Ferreira de Mesquita — Jacintho Candido da Silva [1.º secretario da commissão] — Sergio de Castro, presidente da commissão] — José Simões de Oliveira Martins [2.º secretario] — Pedro Ferreira dos Santos — João Pinto dos Santos — Eduardo Affonso dos Santos — Taborda Ramos — Samora — Correia da Fonseca — Alferes Flôres — Manoel da Silva Gayo — João de Mendonça Pacheco e Mello [?] — Agostinho Faria — Motta Veiga — Zepherino Falcão — Rogerio de Seixas.

que ainda ha bem pouco se expandia delirantemente, acenando á lacrimosa e suave figura de Virginia.

João Arroyo, que desde os 12 annos, segundo refere a chronica terna do «In illo tempore», já compunha melodias, sonatas, *berceuses*, rondós, hymnos coraes, romanzas, peças para piano e canto, que já fizera a opera em dois actos «La Fiancée d'Abydos» e começára o «Martim Vaz», organisou em Coimbra o Orpheon Academico, primeiro que houve em Portugal, com 64 figuras, que ao fim de quarenta dias, graças á tenacidade do maestro, cantavam Wagner — que ninguem, diz Trindade Coelho, até então tinha ouvido em Portugal!

João Arroyo e o seu Orpheon

Carlos Lobo d'Avila, com a sua elegante verbosidade e fulgurante intelligencia, atacava as *opposições* no proscenio do theatro Academico. Vivera o futuro ministro, por algum tempo, n'uma *republica* da presidencia de Bernardino Machado, já lente, juntamente com Sergio de Castro e mais alguns. Succedeu porém que Carlos Lobo d'Avila repontou um dia com a presidencia, por não querer passar sem a chavena do saboroso café depois de jantar, tendo-se Bernar-

Augusto Mendes Simões de Castro

dino Machado visto obrigado a proceder dictatorialmente, dizendo-lhe que o fosse tomar lá fóra, que ali reinava a mais democratica parcimonia.

O Cenaculo d'esse tempo era em casa de Aristides da Motta, o *patriarcha*, onde se reuniam Antonio Feijó, o delicado burilador do «Cancioneiro Chinez» e da «Ilha dos Amores», José Botelho Riley, sombrio vate, diz Luiz de Magalhães, cuja *veia poetica* só os amigos apreciavam pelo seu horror á publicidade, Diniz da Motta, irmão de Aristides, o mais popular dos estudantes do seu tempo, José Petiz, um originalissimo pandego da epocha, e outros.

Este grupo mudou depois residencia para o *Lusitano*, o Olympo litterario onde se reuniam, segundo referem os chronistas, além dos do Cenaculo de Aristides da Motta, Rodrigues Braga, Queiroz Ribeiro, Alfredo Paçô Vieira, Eduardo de Araujo, Manuel da Silva Gayo [1], os Galvões e Mousinho de Albuquerque, grande cavaqueador, que não abancava sem pedir logo amendoas torradas, prato da predilecção do heroe. Era uma assembleia selecta, que despertava as iras da academia e a hostilidade da sociedade do «Anda a roda», uma *plebe* despretenciosa e de bom humor, de que faziam parte Trindade Coelho, Solano de Abreu,

[1] O poeta consagrado e escriptor illustre, que tão bem tem sabido manter a alta tradição paterna.

Silva Gayo [pae]

Silva Gayo (pae) era filho d'um denodado combatente das campanhas da liberdade, Antonio d'Oliveira da Silva Gayo, foi lente da Universidade [doutorou-se em 31 de julho de 1858], notavel litterato, — auctor do «Mario» [romance historico], e do «D. Frei Caetano Brandão» [drama historico representado em D. Maria] — notavel orador de sciencia, o primeiro do seu tempo em Coimbra, grande amador de musica, casquilho aprimorado e galanteador de feliz ironia, homem, cuja mocidade foi agitada de emoções, generoso, bravo, coração cheio de bondade para os simples e humildes, temperamento altivamente independente perante os fortes. — Conspirou, amou, venceu falando, e morreu aos quarenta annos. — Seu filho, o dr. Manoel da Silva Gayo, um litterato de varia feição, e trabalhador incansavel, é em tudo digno e illustre herdeiro das qualidades de seu pae.

Silva Gayo [filho]

A porta ferrea

Antonio Fogaça, Santos Mello, Costa Santos, Carlos Braga, Eduardo Valle, Silvestre Falcão, Eugenio de Castro, etc.

Inda hoje Antonio Cabral se deve recordar da *«Fabia que foste Fabia»*, restauração da *«Fabia»* celebre de Francisco Palha, Luiz de Magalhães da *«Positiva»*, Solano de Abreu e Alfredo da Cunha do *«Segredo do Mandarim»*, Antonio Macieira, Alexandre de Albuquerque, Mario Esteves, Pereira Barata, Belarmino de Abreu e Veridiano de *«Um credor em bolandas»*, e Christiano de Sousa do seu primeiro papel de Mephistopheles na *«Fonte da Sabedoria»*, de Angelo Ferreira e Carlos Braga...

O que é uma republica ◎ O «ménage» do estudante de Coimbra ◎ O seu quarto ◎ Como era no seculo XVIII ◎ Como é hoje.

Coimbra, não obstante a ... ra solicitude dos papás que veem acompanhar os meninos, tem ainda hoje uma caracteristica e util vantagem: ser uma escola viril e livre de homens, não, por via de regra, de doutos jurisconsultos, abalisados medicos e sisudos theologos, mas principalmente de gente desembaraçada e afoita, com uns laivos de graça genuina (vae rareando e o que será quando o Chico Pedro dobrar bacharelado a porta ferrea!) e umas resonantes gargalhadas á antiga portugueza.

Estudante do seculo XVIII [photographia d'uma gravura existente no Archivo da Bibliotheca da Universidade de Coimbra e tirada com auctorisação do illustre bibliothecario sr. dr. Mendes dos Remedios]

[CLICHÉ DO SR. MARIO GATO]

Aqui isolado, longe da familia, o que lhe faz bem e traz o fertil ensinamento da experiencia propria, o *caloiro* desanuvia-se e perde o *pêllo*, conhece os limites a uma *mezada*, varre de si toda a poeira escura dos preconceitos, vê muitas vezes o fundo á *necessidade*, e é bem um *homem* aquelle que na illudida quadra dos vinte annos, sem apanagio de fortuna e sombras propicias de altos favoritismos, bastas vezes com a capa remendada e as botas rotas, sabe luctar vigorosa e modestamente pela existencia.

Inda hoje a mais commum maneira de viver aqui é sob a *fórma republicana*: — aquelle ideal da communidade, que o venerando Platão, sentado sobre a relva nas margens do Eurotas, aspirava vêr realisado para feliz existencia dos seus semelhantes.

Tres, quatro, até seis (a experiencia aconselha a que se não vá além da meia duzia porque da numerosa republica — coimbrã bem entendido — á anarchia vão dois passos e muita gente junta não se salva) reunem-se um bello dia, alugam uma casa, pagam-na (digo pagam-na porque tambem póde succeder o contrario, ou até, caso mais original, como o de um estudante que, vendo-se apoquentado pelo senhorio, tomou a heroica resolução de pôr um lettreiro á porta *«Vende-se esta casa, trata-se aqui»* para assim, com o dinheiro da venda, pagar o aluguel!) cada qual leva o indispensavel, e com dez a doze mil réis mensaes faz-se a festa. Depois, no interior, é o melhor. O governo da *republica* vae de mão em mão. E o bom e o bonito são as contas, o *orçamento* ás noites, com as creadas, *serventes*, rapozas velhas algumas, para traz e para deante com o petroleo, a hortaliça, a carne, o padeiro, o inferno. Lisboa já conhece a scena *ao real*, do 1.º acto da peça de José Bruno. Com a lavadeira é outra batalha, apezar de cada um fazer o seu rol, o que não impede que se chegue ao fim do anno quasi no estado da santa nudez primitiva.

As portas da casa, sempre francas aos amigos e ao povo. Visitas recebem-se conforme se está, em camisa de dormir, ou *robe de chambre*, e se não ha cadeiras, que é o caso mais commum, que se sentem na mala, na cama, ou fiquem em pé para crescer.

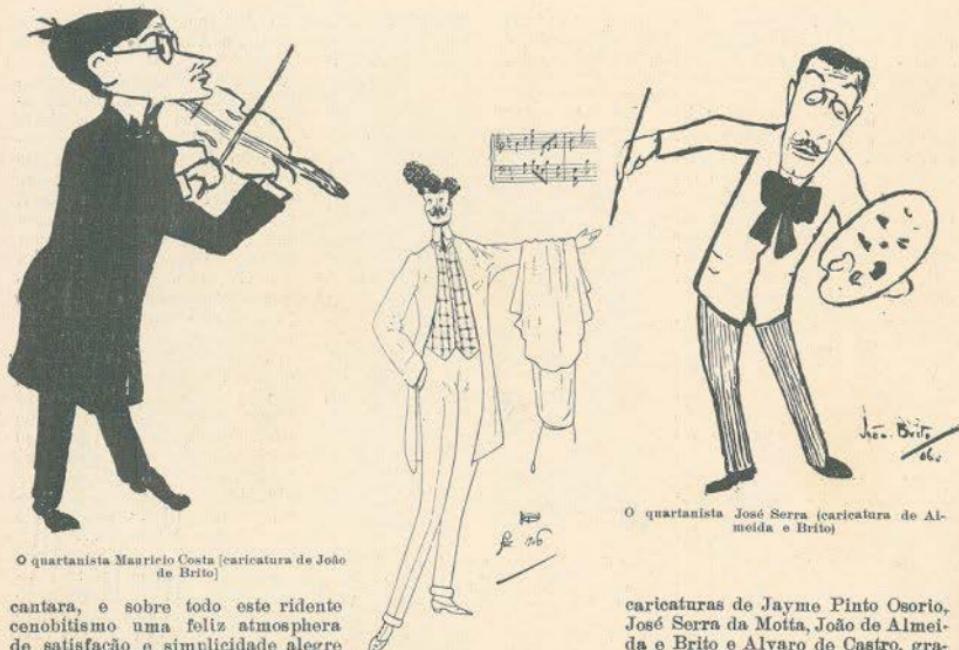
E todo este viver, que felizmente ainda de todo se não abastardou, tem um tom simples e natural de communidade primitiva, uma terna inspiração de fraternidade, todos compartilhando necessidades, discutindo ambições, creando-se affectos n'uma convivencia forte e salutar.

Na vida da *republica* e em geral na

vida academica, o quarto do estudante, resumindo muitas vezes a psychologia da sua existencia, é sempre um dos mais pittorescos e interessantes aspectos e documentos do viver coimbrão.

Como aquelle quarto de estudante, de que fala um curioso folheto escripto em tom de *melancia verde* nos fins do seculo XVIII, o «*Sabio em mez e meio*» — obra que da experiencia de seis annos de Coimbra destilou um estudante de leis: banca, uma cadeira até duas, cabide, papagaio para pôr o candieiro, um pote, um pucaro, um tijelão de lavar as mãos, faca, colher, garfo, canivete, tesoura, fusil, pennas de perú compradas por grosso e por um vintem ao bicho da cosinha de Santa Cruz nas vesperas do Advento, papel, obreias, isca, mexas e algodão para torcidas; na parede o mappa mundi, em cima da mesa a esphera armillar, e espalhadas (*ao negligé* diz o patusco) o *Correio da Europa* e algumas gazetas velhas, e se lhe ajuntar a *Machina Electrica*, então é oiro sobre azul, na estante as Recitações de Hemecio, o Lorri, as Dissertações de Martini, Bachio, Gil Blaz, o Diabo Coxo, o Bacharel de Salamanca, D. Quichote, Gusman de Alfarache, a Hora de Recreio, o Relogio Fallante, o Anatomico Jocoso e o Palito Metrico.

Janella d'uma *Republica* com caricaturas de Fallières, Brisson, Santos Dumont, etc. feitas nos vidros pelo estudante Bandeira de Mello [CLICHÉ DO ESTUDANTE A. MADEIRA PINTO]

Hoje o scenario é correspondentemente bem outro. Os nossos cubiculos são uma parte da nossa vida e aspirações, exposição de nossas idéas e gostos, n'um pittoresco de decoração individualisada e original, pelas paredes e aos cantos, sem luxos nem pretenções, n'uma *mise-en-scène* familiar, burlesca e espirituosa. Muitas vezes o quarto nem sempre conserva naturalmente o mesmo aspecto: um homem tem necessidades, a do dinheiro é a mais imperiosa, e o Favas é incontestavelmente uma grande instituição (aqui n'esta terra chama-se a tudo *instituições*). Succede por isso que, dobrada a quinzena, se toldam os ares, aperta a penuria, lá sahe um movel, mais isto, mais aquillo, e nos fins do mez é uma desolação...

Alguns, é o mais vulgar, contentam-se com pouco: a classica secretaria, ou banca de pinho, cadeira, cama de ferro, banquinha de cabeceira ás vezes substituida por um caixote com a vela, e pelo que respeita a lavatorio, nada de requintes á ingleza, um alguidar e

A formosa *Torre de Anto*, casa onde viveu Antonio Nobre e se diz tambem que Carlos Lobo d'Avila (CLICHÉ DO ESTUDANTE A. MADEIRA PINTO

Casa historica [seculo XVI] na *Couraça da Estrella*) onde viveram em *Republica* Bernardino Machado, Carlos Lobo d'Avila, Sergio de Castro, etc. [CLICHÉ DO ESTUDANTE A. MADEIRA PINTO]

O quartanista Mauricio Costa [caricatura de João de Brito]

O terceiranista Carlos Pires da Fonseca [desenho de Pinto Correia]

O quartanista José Serra (caricatura de Almeida e Brito)

cantara, e sobre todo este ridente cenobitismo uma feliz atmosphera de satisfação e simplicidade alegre e primitiva.

Alguns, porém, capricham pittorescamente na ornamentação de seus quartos, variada, levemente artistica e interessante.

O quarto de Henrique Trindade Coelho é dos mais originaes, curiosos e interessantes que conheço.

Por detraz do reposteiro um pendente lampeão portuguez illumina as faces do visitante, a cujos olhos se desvenda, cobrindo a rosea lisura das paredes ou pousando na plana da secretária e das estantes, um dos mais suggestivamente locaes *bric-à-bracs* que é dado imaginar. Sobre a secretária, cada coisa *em seu logar*. Foi por certo a maior *partida* que até hoje teem feito ao Trindade Coelho o juntarem-lhe o *bric-à-brac* e a decoração em pilha no meio do quarto!

E para cima, trepando na parede, é a galeria celebre, a collecção artistica, Fialho de Almeida e Alfredo de Mesquita flagrantemente colhidos pelo lapis de Celso Herminio, desenhos á penna e caricaturas de Jayme Pinto Osorio, José Serra da Motta, João de Almeida e Brito e Alvaro de Castro, gravuras — retratos de Antonio Nobre, Cesario Verde, Junqueiro, João de Deus e Camões, com graves e simples molduras de madeira negra, uma photographia curiosa com o perfil dolorosamente ironico de Camillo, uma reproducção photographica do retrato de Castilho por Luppi, e outra do de Trindade Coelho (pae) por Columbano.

O Pad-Zé (caricatura de Pedro Miranda

A um canto, sobre a estante giratoria, coberta por um panno da India, fortemente azulado e com matizes de flôres e passarada oriental, erguem-se em extranha harmonia os bustos de Marte, Venus e Verdi, um album aberto de grotesca illustração, *«As aventuras de Mr. Cryptogame»*, e ainda pelas paredes, um cartaz do «Tição Negro», a caracteres antigos e margens illuminadas com ampla moldura escura, — o *Kaiser* de embarcadiço, ao leme do germanico Imperio, a acrisolada viuvez da encarcerada Maria Stuart, interpretada por Italia Vitaliani, reproducções primorosas da *«Collection des chefs d'œu-*

eres», telas de Ribera e de Van Dick, um Corregio *assignado*, azulejos de Santa Cruz comprados ao velho *Barão da Sota*, um curioso «bric-à-braquista», de Coimbra, que conhece Junqueiro e que se recorda do sr. Eça, e n'um recanto um grito horrendo de revolta e de exterminio inoffensivamente escripto a tinta sinistra n'uma alva tira de almaço: a formula da nytro-glycerina segundo Berthelot! D'esta só o Trindade Coelho é que era capaz de se lembrar!

Cadeiras portuguezas de pinho escuro e, n'uma d'ellas, a airosa bilha, pucaro e pucarinho de Coimbra com a inscripção (outra bem original lembrança do Trindade) apropriada dos versos do poeta epico:

As filhas do Mondego a morte escura,
Largo tempo chorando murmuraram,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram

O quartanista João d'Almeida e Brito (auto-caricatura)

O nome lhe puzeram, que inda dura
Dos amores de Ignez que ali passaram:
Vêde que fresca fonte rega as flores
Que lagrimas são agua e o nome Amores.

A um canto um violão, uma guitarra com fitas, uma roca, e sobre a cama, á guiza de docel, um Arrayollos comprado n'um leilão do Favas e á cabeceira os poetas queridos *Les Nevroses*, de Rollinat, o *Livro de Cesario*, o *Só*, e as *Despedidas* de Nobre, *Les Fleurs du Mal*, de Baudelaire, e a Biblia — a escutarem o tic-tac d'um despertador moderno.

E depois de tal visita ninguem poderá negar que mora ali um poeta, um *cesariano* de feliz inspiração e suggestiva fórma.

O quartanista Jayme Pinto (caricatura de Almeida e Brito)

Este outro quarto do João Maria Presado é mais simples e desguarnecido na sua uniforme originalidade: uma ampla mesa de fórma conventual.

O quartanista Henrique Trindade Coelho (caricatura de José Serra da Mota)

com taboleiro inferior, estantes aprumadas, lisas e pejadas, classicos latinos conversando com os historiadores e psychologos modernos, Cicero e Tacito olhando Michelet, Taine, Ribot, Nordau, Janet, Payot e Dantec, a evolução do theatro desde Sophocles e Eschylo até Corneille, Racine, Hugo, Hauptmann, Brieux, Sudermann e Ibsen; além Kant e Spencer, ao lado n'uma phalange vermelha, Bakounine e Tolstoi, o mystico de face leonina e coração de pomba, Kropotkine, Guyot e Malato; Lombroso e Oldenberg; e toda a sonhadora renascença litteraria da Italia, Dante e Miguel Angelo, Leopardi, Ariosto, Tasso, Salvator Rosa e Vittoria Colonna. Ainda Shakspeare e Byron, Balzac e Zola, Stuart Mill e Lubbeck, e finalmente Gil Vicente e Camões, Bernardim Ribeiro e o Cavalleiro de Oliveira, Herculano e Garrett, Ramalho e Eça, Monsaraz, Nobre e João de Deus, até á ultima prece de Junqueiro.

Quarto do terceiranista João Antonio de Bianchi

Lê o diabo aquelle philosopho do João Maria!

Mas tudo era *negro*, estantes, cadeiras e secretária. D'uma vez, porém, que o luar cheio ali entrava pelas amplas vidraças, dando ao mobiliario um banho de suaves e argenteas tonalidades, lembrou-se e bem de pôr tudo branco; e agora reina em todo o quarto, até ás cadeiras de verga, um tom leitoso, alvinitente e *casto*, que mais parece alcova de pudica donzella...

O quarto do João Bianchi, um madeirense de esguio e aristocratico porte de espadachim, é simples, inglez, de bom gosto e bella vista, que se divisa atravez os cortinados de leve e transparente factura londrina. A um canto um phonographo *para deliciar os ouvidos dos convivas*, pelas paredes recordações saudosas da terra longinqua, trechos da Madeira linda, photographias intimas — o principe Guilherme da Suecia na vivenda do sr. visconde de Valle Paraiso, pae de João Bianchi, — a nota humoristica d'uma pagina do «Supplemento d'O Seculo», postaes delicados de creanças mimosas e hespanholas ardentes, e desenhos dos italianos Vincenzo La Bella e Ugo Valeri, da revista «Emporium».

Sobre a estante barros da romaria de Santo An-

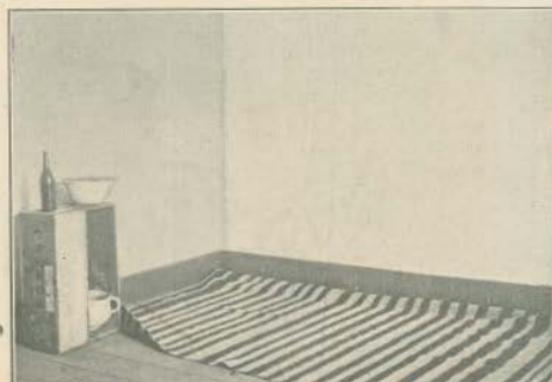
Quarto de João Maria Santhiago Presado

Quarto do quintanista Fernando Emygdio da Silva

tonio dos Olivaes, e ao fundo, n'uma gravura, um *calke-walk* furioso, galopante e esplendido.

O quarto de Fernando Emygdio da Silva é d'uma vastidão capaz de abrigar e conter o mais movimentado bailarico dos arredores, tendo a cada canto uma recordação pittoresca de viagem, uma figura predilecta de litteratura, de arte, de historia, em bilhetes postaes (collecção monumental!... recommenda-se ás meninas que queiram *trocar*), gravuras, oleographias e retratos.

Ao fundo, n'um amplo cartaz de tons amarellecidos de camara-ardente, a *Tosca* apaixonada apunhalando o inexoravel Scarpia; sobre a estante giratoria, á direita, estatuetas romanas d'um bric-à-braquista com tenda á porta-ferrea; pelas paredes, paizagens de Cauterets, reproducções-gravuras de Raphael e Van Dick, o *Velho* de Dürer, de farta cabelleira encanecida e olhar intencionado, Italia Vitaliani, aqui de *Deborah*, além em traje sumptuoso, com a ampla capa de velludo negro a envolver-lhe o perfil pallido, entre ramos de violetas, Bonaparte, a cavallo, a pé, a commandar, na clareira d'uma batalha ou sob o olhar dôce de Maria Luiza, Ibsen, Gorki, Tolstoi, Rostand e Anatole France, Zola e Ohnet, Schiller e Schopenhauer, Sarah Bernhardt e os Coquelins, Wagner e Verdi, a Gioconda, a Venus de Milo e a Cleo de Merode!

. . . .

Assim decorre esta existencia, exuberante e forte expansão dos vinte annos, quando nos bate em cheio nas frontes o sol e calor da vida.

E todo esta pallida descripção será ámanhã um relembrar densamente triste, contados bons annos, crestadas illusões, perdidas forças e exgotados os cerebros.

Inda, porém, bem de nós, está para longe a hora de escutar os sons do clarim, que nos momentos derradeiros das batalhas perdidas, por entre a massa opima dos despojos, faz appello aos vivos, pedindo piedosa sepultura para os mortos...

Por emquanto é a hora illuminada e consciente de luctar, ter ambições, *viver*.

José Lobo d'Avila Lima.

Quarto de estudante no *ultimo* dia do mez...
[CLICHÉ DO ESTUDANTE A. MADEIRA PINTO]

CURSO DE ARTE DRAMATICA = Exames no Conservatorio Real de Lisboa

1—D. Maria Machado; 2—D. Hilda Victoria; 3—D. Isabel Lopes; 4—D. Ambrosina Louro; 5—D. Dalili Motilli de Assis; 6—D. Flora Dyson Vaz

Realisaram-se ultimamente, no salão do Conservatorio, os exames do 2.° e 3.° annos do curso de Arte Dramatica, revestindo as provas um brilho excepcional, e revelando cinco promettedoras vocações d'actriz e dois talentos de primeira ordem. N'esta epoca em que se faz sentir d'um modo evidente no theatro portuguez o *deficit* de verdadeiras aptidões, não póde passar semelhante affirmação sem o devido registo e sem o devido commentario. O curso d'Arte Dramatica, novamente instituido no Conservatorio Real de Lisboa pelo esforço intelligente do illustre dramaturgo que é Eduardo Schwalbach, acaba de confirmar as esperanças com que todos os homens de theatro acompanharam a sua instituição. Vão sahir dos bancos das suas aulas duas actrizes verdadeiramente notaveis.

Essas duas actrizes, D. Maria da Conceição Mattos e Silva e D. Dalila Motilli de Assis, são ainda quasi duas creanças. Uma tem dezesete, outra quinze annos. A primeira póde considerar-se já hoje o que de melhor possue o theatro portuguez. É o talento que se affirma, com a insolencia do triumpho. É a Musa da tragedia e a alma do verso. Uma linda voz de contralto modulando incomparavelmente—vara de cristal batendo n'um timbre d'oiro; uns bellos braços movendo-se como os d'uma actriz de raça, cheios de academia e de plasticidade, de harmonia e de leveza. A segunda, pelo contrario, é o vivo genio da comedia, Colombina e Pierrette, a graça ligeira d'uma pastorinha sentenciosa de Marivaux, o espirito subtil d'uma *soubrette* de Molière. Ao passo que uma é a Elegia, a outra é a vivacidade. Emquanto uma é a emoção, a outra é a desenvoltura e o brilho. São as duas notas oppostas da mesma escala. A primeira foi incomparavel de sentimento na «Maria» do *Frei Luiz;* a segunda, diabolica de graça na «Martinha» do *Medico á força.* Maria Mattos e Silva obteve 10 valores,—o maximo; Dallila conseguiu 9 valores,—premio.

D. Maria da Conceição Mattos e Silva

Em seguida a estas, a mais notavel discipula do 3.° anno do curso foi Hilda Victoria,—trigueira, *potelée*, graciosissima, estofo de verdadeira actriz, dizendo bem, representando melhor. Classificada com 8 valores,—direito a concorrer a premio. Do mesmo anno, mais duas actrizes surgiram, affirmando temperamentos irrecusaveis de comediantes: D. Maria Izabel Lopes—muito sentimento—, e D. Maria Machado — muita graciosidade. Fizeram ainda exame do 2.° anno D. Flora Vaz, —uma linda voz cheia de ternura,—e D. Ambrosina Louro, — vocação incipiente e belleza correcta.

São estas as novas actrizes,—quatro que terminam o curso para o anno, tres que o terminaram agora. O Conservatorio Real de Lisboa, que já dera algumas vocações brilhantes, como Etelvina Serra e Jesuina Motilli, acaba de contribuir *larga manu* para o bom nome do theatro portuguez.

—«*Oh! c'etait le beau temps! J'etais bien malheureuse!*»—dizia Sophia Arnould, já celebre, ao recordar, entre joias e successos, o seu primeiro tempo de obscuridade e de pobreza, de illusões e de mocidade.—«*C'etait le beau temps!*»—Como as novas actrizinhas d'agora hão de lembrar-se com saudade, d'aqui a alguns annos, já na plena luz do triumpho, d'este momento em que o theatro é apenas para ellas o alvorecer d'uma esperança!

Paineis decorativos de Leopoldo Battistini no vestibulo do palacete do sr. Antonio Augusto Cesar dos Santos, na Avenida Ressano Garcia

[CLICHÉ DO SR. M. A. SILVA NOGUEIRA]

«A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra d'arte». Este conceito, pronunciado por Emile Faguet, ao ser recebido pela Academia Franceza, nada tem do sentencioso impertigado dos phrasistas de profissão. O ideal do homem culto deve ser realmente fazer da sua vida moral, intellectual e estheticamente falando, uma obra d'arte, tanto quanto lh'o permittam as suas preoccupações de ordem material, porque em summa, hoje como sempre, *prius vivere deinde philosophare.*

Consagrando nós este artigo a uma das mais bellas residencias de Portugal, seria elle incompleto se não esboçassemos o perfil do seu sympathico habitador, o sr. José Relvas, filho do fallecido *sportsman* e amador photographico sr. Carlos Relvas. N'um paiz em que a politica é molestia contagiosa, o sr. José Relvas, que podia ter assento na camara dos pares, se o requeresse, pois fez o Curso Superior de Lettras, e com distincção, escapou até hoje ao contagio. Alma, porém, de verdadeiro democrata, não falando no seu caracter impolluto e impeccavel, modelo de correcção e dignidade ideaes, as suas opiniões em politica são radicaes. O seu grande ideal é o da Arte, que o absorve fóra dos momentos applicados á administração da sua casa. As suas escapadas a Lisboa obedecem em geral á sua impulsividade artistic . A sua estada é habitualmente nos «Patudos», ao inverso dos proprietarios ruraes cujo exodo para a capital tem trazido consequentemente o definhamento ou a ruina das casas provinciaes por desleixo administrativo. Voltar ás tradições do viver portuguez provincial; fazer do lar campestre a preoccupação maxima da existencia; povoal-o com motivos e assumptos estheticos, «fazer da vida em summa uma obra d'arte» — taes foram as nobres preoccupações que levaram o sr. José Relvas a transformar a sua antiga habitação dos «Patudos» — que era interessante apenas pelo seu *recheio* artistico — n'um palacete caracteristico, com physionomia regional, excluida toda a pompa insolente, e obedecendo principalmente ao fim utilitario, mas ao mesmo tempo educativo, que o seu proprietario teve em vista.

Se, deixando a historica Santarem, mettermos pela estrada de Almeirim e torcermos depois pela de Alpiarça, quasi sempre sob o docel das arvores que ladeiam o caminho, depara-se-nos a encantadora habitação dos «Patudos», na sua alvura tradicionalmente peninsular, unindo o seu sorriso ao da paizagem ambiente. Reminiscencias atavicas acordam de subito em nós, como se essa deliciosa habitação fosse uma synthese de todas as residencias de caracter campezino, ricas e pobres, que longos seculos passaram pela visão dos nossos antepassados. A extensa theoria de janellas em que o arco obedece á volta perfeita, com um aspecto romanico, deixa adivinhar uma galeria alpendrada, especie de claustro conventual d'onde a vista descortinará esse soberbo e pitoresco trecho de paizagem, cortada pelo Tejo de par com uma triplice linha de choupos, e que se estende até ao sopé de Santarem. Se chegarmos ao ponto em que a visão póde distinguir qual o plano concertado pelo architecto, o traçado dirá que o edificio se compõe de dois corpos, um dos quaes se sujeitou até certo ponto á construcção antiga, mas o outro é completamente novo. Que estylo se exigiu para a nova construcção? Rigorosamente nenhum: nem ha, a falar verdade, um estylo typico, definido, nacional. O que o proprietario e o architecto quizeram foi harmonisar as tradições da arte por-

tugueza, agrupando elementos locaes, mas sem subordinação a um estylo hypothetico ou a uma epoca. Repare-se na columnada da galeria: ha ali pormenores modernos, muito interessantes, taes como certos capiteis de desenho inteiramente inedito. Graciosissimos esses capiteis pela delicadeza do desenho e pelo carinho e apuro na sua execução. Para quebrar a crueza da caiadura, a vista descança nos painéis de azulejo apropriados ao exterior do edificio como elemento decorativo, quer n'um dos pannos da fachada quer nas chaminés revestidas em parte de faiança: assim as grandes superficies brancas ficam naturalmente adoçadas pela interrupção d'esses episodios architecturaes. E depois é um coruchen com seus azulejos de grandes riscas diagonaes, imitando um outro, muito caracteristico, de certa egreja de Santarem ou o da egreja da Pena, em Cintra; as rotulas genuinamente meridionaes e ainda muito vulgares no Alemtejo e no Algarve; e são os obeliscos e as espheras decorativas no telhado, ainda visiveis em muitas casas solarengas e que teem predominado entre nós desde a Renascença; e é, n'uma das quinas do corpo principal, um escudo sem dizeres nem protenções heraldicas, apenas com esta divisa, cercada de folhagem — *In labore quies* — motto que define o caracter do proprietario d'essa esplendida moradia — *socego no trabalho*; e é o painel de azulejos do artista portuguez Jorge Pinto com a divisa *Terra Mater*, em que uma mulher amamenta uma creança, rodeada dos fructos principaes da agricultura; e são os trabalhos em ferro — os seus desenhos são do professor sr. Gonçalves, de Coimbra — que na maior parte lembram, pelo lavor, os desenhos do seculo XVIII, bem como os azulejos da mesma epoca, mas nem um nem outros copiando ou imitando servilmente modelos conhecidos; e são os arrendados de tijolos, muito caracteristicos do Sul, mormente em Faro, Beja e Evora, como ornamentação simples, accentuadamente mourisca, dos parapeitos da arcaria. De todos estes pormenores, de toda a visão do conjuncto, resulta a impressão de que se não quiz copiar nem imitar esta ou aquella residencia, este ou aquelle estylo e sómente submetter-se ás exigencias e ao proposito da construcção, adoptando-se elementos caracteristicos, em ordem a formar um todo harmonico que se funde logica e naturalmente com a paizagem circumvisinha.

O architecto, sr. Raul Lino, não se deixou dominar por quaesquer preoccupações de scenario: antes quiz imprimir á «Casa dos Patudos» o que quer que seja de nobre, sem rigidez hieratica e de uma sinceridade que nos encanta e nos prende a essa residencia que, sem ser de hypothetico estylo portuguez, é portugueza em todos os seus elementos componentes.

Em resumo: aproveitou-se uma parte antiga, incaracteristica, aformoseando-a; ligou-se-lhe um corpo novo, subordinando tudo ás exigencias interiores, sendo muito feliz a adaptação d'essas exigencias ao plano traçado de concerto com o architecto. De maneira que, apesar da diversidade dos differentes corpos, o conjuncto é incontestavelmente harmonico. Os blocos, com as suas respectivas proporções, receberam a intelligente estructura architectonica que o talento do sr. Raul Lino concebeu, vindo a animal-os os elementos favoritos da predilecção do proprietario e que são os mais apropriados ás construcções d'esse genero e na região onde a casa se ergue. E o proprietario, que tem viajado muito pelo estrangeiro, esqueceu patrioticamente estylos ou modelos vistos e preferiu a nota nacional, por maneira que a sua habitação fosse o effeito logico, natural do territorio que occupamos. Ha, pois, ali equilibrio geral e harmonia, por effeito da fusão de elementos tradicionaes e historicos com os de inspiração e gosto proprios, reatando-se assim a tradição das bellas obras que nos restam de epocas passadas bem gloriosas.

Mas é tempo de estudarmos o seu interior. Ao subirmos pela vasta e suave escadaria, deparam-se-nos duas estatuas de madeira dourada, estylo D. João V, de uma graça de *pose* e airosa disposição de roupagens que denunciam um cinzel de entalhador da melhor epoca. Azulejos portuguezes decoram a escada. Illustram-nos variados episodios da vida regional — manadas de touros na leziria, lavouras, recolhimento de fenos e trigos, rebanhos de ovelhas, varas de porcos gordos e campinos a cavallo nos seus trajos caracteristicos. No alto da escadaria, e como remate, avantaja-se um bello lampeão de ferro forjado, desenho de Raul Lino, execução dos serralheiros conimbri-

A varanda

(CLICHÉ DO SR. M. A. SILVA NOGUEIRA

censes Manuel Pedro de Jesus e Lourenço d'Almeida, e que constitue um interessante specimen de revivescencia da industria portugueza. O sr. marquez da Foz, ao vel-o, suppoz estar na presença de um dos melhores productos de arte franceza.

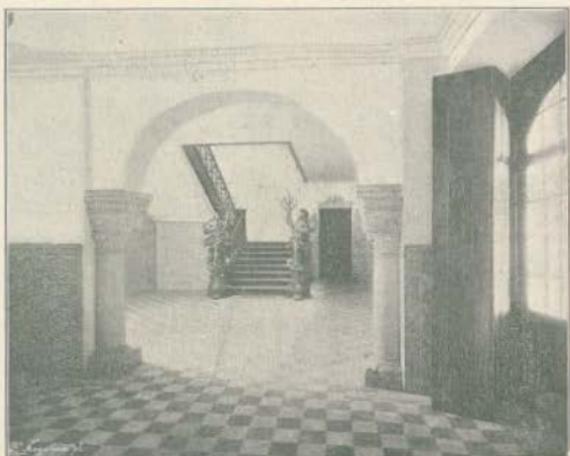
Entra-se depois n'um vestibulo, sob o typo das antigas casas d'entrada. Ahi se vêem as classicas e avantajadas cadeiras de couro e outros moveis trabalhados em talha. Passa-se depois ao gabinete de trabalho do sr. José Relvas e á sala maior destinada principalmente á musica.

O gabinete de trabalho é amplo, povoado de muitos d'esses pequenos nadas que são os themas evocadores de idéas, impressões e recordações. Livros, retratos de familia e de artistas celebres, quadros, estatuas, bustos, gravuras, revistas de lettras e artes — que fonte de suggestões mais abundante e variada para um espirito culto? Dá-nos naturalmente na vista um largo trabalho decorativo do pintor hespanhol Diaz — *La trilla en Alava* — todo luz, pujança e afan. Dir-se-hia uma debulha em plena campina ribatejana. Quadros de Marques d'Oliveira e do pincel melancholico de Silva Porto, de Annunciação e do consciencioso Malhôa, para quem a sinceridade no labor sem tregoas é hoje mais do que nunca uma religião; uma pintura de caracter exotico tratado por um discipulo de Gerôme pode não contentar os mais exigentes pela tonalidade pouco oriental da musulmana, assumpto principal da tela; mas a bellissima figura de Chapu, *La Jeunesse*, reproducção do monumento de Regnault, da Academia de Bellas Artes, de Paris, como nos encanta pela doçura das curvas, graça do desenho e pela delicadeza das roupagens! (este exemplar, de bronze, e o do *Quand même!* aque abaixo nos referimos, são os maiores specimens feitos na casa Barbedienne, ainda hoje a primeira na fundição de bronzes verdadeiramente artisticos); um *biscuit* de Sèvres, *moulage* que reproduz integralmente a *Venus*, de Falconet, do Louvre; varias esculpturas de Costa Motta, tio e sobrinho; estatuetas de musicos, e outros trechos d'arte fazem excellente companhia a quem da vida pretende fazer uma obra d'arte, fóra das horas em que as preoccupações materiaes nos sujeitam ao inevitavel do *prius vivere*...

O lampeão

A sala de musica, sem duvida uma das mais interessantes da residencia dos «Patudos», imita com equilibrado gosto o estylo-renascença. A mobilia feita pelo já hoje notavel entalhador José Maior — a sua estada em Paris onde aprendeu o desenho e onde cultivou os seus dotes estheticos contribuiu largamente para a sua mestria cada vez mais accentuada — requer um exame minucioso, para apreciação da delicadeza do entalhe, do equilibrio das linhas geraes e da perfeita execução dos frizos e outros motivos decorativos. Os cadeirões onde quatro pessoas podem sentar-se, de uma execução perfeita nos seus ornatos decorativos, obedecem a um tal primor de desenho e de esculptura que o sr. marquez da Foz suppoz tambem haverem sido executados no estrangeiro, o que, sabidos os conhecimentos em materia d'arte decorativa d'aquelle senhor, nos diz á saciedade como podemos prescindir hoje inteiramente da arte exotica com proveito para a arte portugueza e para os artistas.

Na sala de musica congregou o sr. José Relvas os nossos melhores pintores e esculptores, limitando a contribuição estrangeira apenas á reducção do celebre *Quand même!*, de Mercié, e a alguns bronzes e marmores de Dubois, Fremiet e Bortone. Pelo contrario, acham-se largamente representados: Silva Porto, Malhôa, Carlos Reis, Columbano, Salgado, Ramalho, Arthur

Escada (2.º pavimento)
(CLICHÉ DO SR. M. A. SILVA NOGUEIRA)

Sala das columnas (pequena sala de musica)
(CLICHÉ DO SR. M. A. SILVA NOGUEIRA

Loureiro, Sousa Pinto, Marques d'Oliveira, Julio Ramos, Candido da Cunha, Vaz, Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Costa Motta e Fernandes de Sá. O «Artista na infancia», (gesso) de Soares dos Reis; o *Bébé*, de Teixeira Lopes, e uma cabecita muito interessante de certo esculptor italiano, decoram o fogão monumental executado por João Machado, de Coimbra, por fórma digna de elogio. Os ferros d'esse fogão e os do outro que está na sala de jantar foram trabalhados pelo mestre serralheiro Lourenço d'Almeida, egualmente de Coimbra. O «Regedor», bella cabeça de velho beirão; a «Volta da Romaria», quadro premiado no Salon de 1903; as «Cócegas» — eis as telas mais caracteristicas — eis a contribuição principal do Malhôa. De Columbano temos: A «Mascara» e «Silva Porto no atelier»; de Arthur Loureiro: a «Primavera», que muito impressionou Coquelin e a que o celebre comediante tem feito sempre as mais elogiosas referencias; e mais um estudo pequeno. De Ramalho, o conhecido quadro «Graças a Deus». De Carlos Reis: «Manhã no Lima», «Costumes [da Normandia» e a «Camponeza». Avultada é a quota-parte de Silva Porto: «Vizella», «Margens do Douro», «No Minho», «Conduzindo o rebanho» (1.ª impressão), «Povoa de Varzim», «Villa Franca», «Moinho em Thomar», «Caminho no Lumiar», «Paizagem do norte de Hespanha», «Cabeça de camponeza do Minho», o «Retrato da mulher pelo artista», a «Agua-furtada», «No Adriatico», «Nascer do Sol» (Minho), e bastantes estudos da primeira epoca do grande paizagista portuguez — eis a valiosa contribuição do inolvidavel mestre de Carlos Reis. Sousa Pinto está representado por uma tela pintada em França reproduzindo com tonalidade notavel uns effeitos de trovoada, tela que pertenceu a Soares dos Reis. Sobre a vasta mesa — trabalho tambem notavel de José Maior — destaca um formoso e grande grupo de porcelana de Saxe, e que representa o Triumpho das Artes e Sciencias, agrupamento de deliciosas figuras, todo proporção, graça e equilibrio. Esta peça e um lustre de Veneza, fabrica de Murano, que pertenceu successivamente a Fernando Palha e ao sr. João Arroyo, constituem duas notas egualmente interessantes da sala, cujo estylo se casa á maravilha no que ella nos permitte vêr, evocar e phantasiar, com o objecto a que se destina.

Com a sala-Renascença continúa por um lado a antiga *sala das columnas;* do outro, a sala de jantar. Aqui, motivos decorativos muito nossos conhecidos, destacando uma bella e completa collecção de azulejos hispano-arabes, procedente de varias collecções, e em especial da do dr. Hora, de Coimbra, e de João Burnay. Estão representados n'esse compartimento os padrões dos azulejos da Sé Velha, de Coimbra. A lareira, de estylo manuelino, como é tambem o da ferragem, é encimada pela *maquette* da estatua de Affonso Henriques (monumento de Guimarães), de Soares dos Reis. Ladeiam-na dois fructeiros de prata das officinas Leitão (Lisboa), n'um dos quaes lê-se a divisa *Por bem* e no outro *Talant de bien fère*. Aquelle com a divisa do rei João I tem motivos ornamentaes colhidos na Batalha; este, com a divisa do Infante-Navegador, ostenta por motivos as caravellas portuguezas e as cruzes de Christo. Differentes faianças das fabricas do Rato e de Ruão, alguns specimens das porcelanas do Oriente, completam a intenção evocativa dos mais bellos periodos da nossa historia.

Entre esta sala e a das *Columnas* depara-se-nos uma outra, de uma suggestão bem nossa, bem nacional e que acorda logo em nós reminiscencias das casas senhoriaes, a cujo dispersar quasi que ainda todos assistimos. E' a sala do seculo XVIII. Forrada de damasco até aos silhares, que são de azulejo, têm-se logo os traços caracteristicos de uma reconstituição da epoca. Os azulejos proveem do espolio do convento da Esperança. Mobilia rigorosamente do seculo XVIII e que define á risca por seu turno o *estylo D. João V*. Um retrato do tempo (escola franceza); o «Christo», de Morales e que pertenceu á collecção Zea Bermudez; gravuras portuguezas do tempo do Marquez de Pombal, e a «Paixão» grupo de barro, de Machado de Castro, uma verdadeira joia de execução perfeita, n'um raro estado de conservação; uma figura interessante, de madeira pintada e que representa um membro do parlamento (tempo de Luiz XIV), e differentes peças de Sèvres e Saxe completam a caracterisação da epocha. Uma nota interessante e que não destôa ali, em pleno seculo XVIII — é a reducção da *jarra Beethoven*, feita por Raphael Bordallo Pinheiro, expressamente para offerecer a José Relvas, peça que se acha documentada na competente dedicatoria. Mettida n'uma redoma, é visivel em todos os seus pormenores, graças a um mechanismo apropriado e que a faz girar. De Bordallo Pinheiro são tambem os dois vasos «A vinha», réplica um do outro e que se encontram na sala seguinte.

Escada principal (piso inferior) — CLICHÉ DO SR. M. A. SILVA NOGUEIRA

Como já dissémos, a *sala das columnas* é um prolongamento da sala-Renascença. Ahi não ha estylo: a variedade recobra o seu direito á phantasia. *L'ennui nâquit un jour de l'uniformité* — disse um poeta. A peça sobre que assentam as co-

lumnas deixa pousar, ao centro, o «Cain», de Teixeira Lopes, a réplica, em bronze, do marmore do Museu da Restauração, do Porto. E' a sala mais intima, para a musica, da familia Relvas. Bronzes francezes de Chapu, David, Mercié, Gasq, Barye e Fremiet, medalhas e *plaquettes* em que naturalmente se encontra a obra de Chaplain, Roty e dos principaes *medailleurs* parisienses; peças muito curiosas, raras e typicas das fabricas do Rato e Bica do Sapato; uma collecção valiosa de tapetes de Arrayollos; aguarellas portuguezas; aguarellas francezas (Claude Monet, Ra-

Vestibulo e escriptorio

Sala Portugueza
[CLICHÉS DO SR. M. A. SILVA NOGUEIRA]

faelli, Madeleine Lemaire, Harpignies, Boutet), aguarellas hespanholas (Villegas) e hollandezas (um curioso Mesdag, e de Weele, o discipulo favorito de Mauve), agua-fortes e desenhos originaes de artistas, entre os quaes J. P. Laurens, Rafaelli, Alf. de Neuville, Myrbach (Illustrações de Tartarin), J. Lewis-Brown, Daubigny; e dois *fac-simile* de Raphael da celebre edição do duque de Luynes hoje completamente exgotada); agua-fortes de Rembrandt, edição especial feita por Charles Blanc e que, como a do duque de Luynes, se exgotou, são peças que o tempo ainda mais valorisará, além do seu preço intrinseco. Duas das mais notaveis são sem duvida a «Resurreição de Lazaro» e o «Descimento da Cruz». A serie de retratos da mesma edição é já hoje muito notavel.

Não esqueça que Mesdag é o celebre pintor hollandez que ainda ha pouco fez doação á sua patria da maravilhosa collecção que possue na sua casa-museu

Sala de jantar

da Haya, collecção onde abundam esplendidos Corot, Daubigny, Rousseau, Troyon, Courbet, Lepage, Millet, etc.

Sahindo d'esta sala e voltando á escada, admiraremos uma vez mais o lampeão de ferro que um entendedor juraria ter sahido de uma officina parisiense e rememoraremos, ante a copia fidelissima dos *Borrachos*, de Velazquez (feita por Caviedes), a lenda de um inglez que durante mezes consecutivos, desde o abrir até o fechar das portas do *Museu do Prado*, passava horas esquecidas a admirar a obra-prima de Velasquez, sendo preciso a advertencia quotidiana do guarda para desamarrar o bom do britannico do objecto da sua adoração.

Esta enumeração, que nos levaria longe, deve afastar do animo do leitor qualquer idéa de vaidade de ricasso, traduzida n'uma accumulação de coisas compradas precipitadamente para fingir a exhibição de um museu ou uma simples collecionação com intuitos mercantis. Cada objecto comprado suppõe no seu proprietario um conhecimento ou sensação de ordem esthetica. Nenhum denunciará ausencia de gosto ou um instincto panurgico, sendo certo que um dos lados mais sympathicos do sr. José Relvas consiste em considerar a sua casa como uma ponte de passagem para os artistas nacionaes em quem elle vê aptidões tão fortes e caracteristicas, como nos extrangeiros. Não precisou da serralharia estrangeira: nos artistas de Coimbra Manuel Pedro de Jesus e Lourenço d'Almeida encontrou dignos representantes de artes que hoje renascem vigorosas sob o influxo do benemerito professor e restaurador da Sé Velha, o sr. Gonçalves. Não precisou de entalhadores estrangeiros: em José Maior, de Lisboa, vê um artista cujos trabalhos ganham em ser confrontados com os do estrangeiro. Não precisou de mestres canteiros exoticos: em João Augusto Machado, de Coimbra, tem um artista de grande merecimento que no fogão (desenho d'elle proprio) e na execução das cantarias romanicas, tão leve, graciosa e sobria, deixou bem traduzida a sua grande habilidade. Nos lavrantes da casa Leitão, de Lisboa, encontrou artistas que honram sobremaneira a sua arte. Em Jorge Pinto, de Lisboa, teve um collaborador na faiança pintada e que desempenhou a sua tarefa decorativa com muito lustre para esse ramo de arte. Finalmente, em Raul Lino, discipulo de Haupt, que á architectura portugueza da renascença consagrou uma das suas obras, encontrou um artista que se inspira, nos seus trabalhos, das nossas tradições artisticas, pretendendo ser o mais portuguez possivel e libertar-se das influencias estrangeiras, sobretudo quando a traça das suas construcções tem de adaptar-se á nossa paizagem tão rica e de aspectos tão variados, como typicos.

Essa impressão complexa de belleza sentimol-a mormente quando da varanda alpendrada contemplamos a paizagem, o vasto panorama que se nos desenrola. O alpendre, uma nota racional em tal logar, abrigar-nos-ha dos calores implacaveis do verão como nos protegerá das chuvas diluviaes do inverno. No estio, a vinha viçosa, de um tom que se casa com o azul purissimo do céu, imprime á paizagem uma vida que, de reflexo, nos anima e mais nos prende á *terra mater*. E a vista póde seguir a serie de fainas campestres — a alumia, a cava, a poda, a enxofragem e a sulfatagem; mais tarde a vindima e os curiosos ranchos de um effeito pittoresco, na sua laboração vindimeira. De cada arco da galeria, a mesma paizagem toma a nossos olhos novos aspectos: é, por assim dizer, um novo aspecto, um novo quadro, um outro thema offerecido á nossa observação e á nossa esthesia. Ao longe, Santarem lança-nos para os tempos do balbucio nacional, quando, nas luctas contra os sarracenos, iamos alargando, a palmos ensanguentados, o nosso abençoado torrão. E, ou demoremos a vista na paizagem ambiente ou a fixemos nos capiteis da arcaria, ou nas rotulas e azulejos que mitigam a crueza da luz estival ou nos retalhos d'arte que povoam as salas da «Casa dos Patudos», tudo nos fala do nosso paiz, da sua historia, tudo nos desperta impressões da nossa epopeia brilhante, tudo nos acorda os nossos impulsos ethnicos e nos diz da razão de ser da nossa nacionalidade, pelo amor que sempre consagrámos a este cantinho europeu, a despeito das nossas desfallecencias patrioticas e das vicissitudes da nossa politica, quasi sempre aos baldões, desde a restauração da nossa nacionalidade.

Tudo ali nos fala, em summa, da nossa terra, da nossa gente e dos nossos costumes.

J. T. da Silva Bastos.

Sala de musica (estylo renascença)

(Cliché do sr. M. A. Silva Nogueira)

Antiga agencia funeraria

DE

THIAGO EGYDIO TORRES

SUCCESSOR DE SEU PADRINHO

Thiago Egydio da Paz

RUA DE S. JOSE', 9 a 13

(Junto ao Largo da Annunciada)

LISBOA

Fornece com toda a seriedade e rapidez todos os utensilios para funeraes desde o mais modesto ao mais pomposo por preços os mais limitados.

Unica casa em **Lisboa** que tem maior numero de **urnas** ricas em exposição, em mogno e pau santo, lisas, entalhadas, etc.

Grande variedade em urnas para crianças.

Completo sortimento de **corôas** em panno e biscuit, nacionaes e estrangeiras.

Encarrega-se de trasladações nos cemiterios da capital, para as provincias e estrangeiro tendo para isso pessoal habilitadissimo.

Trata-se a toda a hora da noite

9 a 13, Rua de S. José, 9 a 13 (junto ao Largo da Annunciada)

LISBOA

Grandes armazens de moveis de ferro e colchoaria

DE

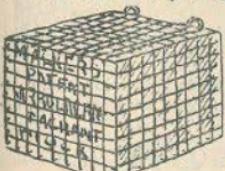
José A. de C. Godinho

54. P. dos Restauradores, 56

LISBOA

Grande variedade em pannos de algodão e linho recebidos directamente de Paris, do Comptoir de l'Industrie Linière.

Saneamento, Rapido, Facil, Efficaz, Barato e Agradavel

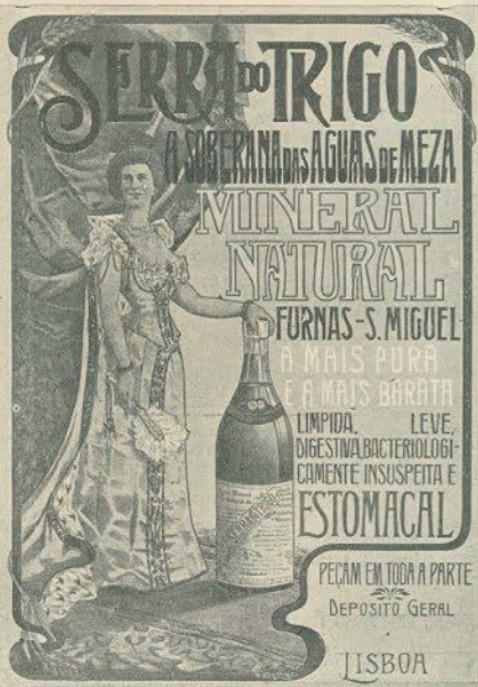
PELO

Walkers CARBOLACENE

(Preparação liquida)

A' venda nas principaes drogarias e pharmacias

DEPOSITO GERAL

30, Rua da Boa Vista, 32

LISBOA

Só ha bons dentes com o uso do

Pharmacia Avellar

225, Rua Augusta, 227

Pharmacia Avellar

225, Rua Augusta, 227

Antiseptol — Elixir dentifrico-acido e neutro — Estomatol— Pó dentifrico-alcalino e acido —Formulas do dr. Amor de Mello

Aguas mineraes do Monte-Banzão
COLLARES

Aguas mineraes do Monte-Banzão
COLLARES

Peçam em toda a parte

Rua do Arco do Bandeira, 216 2.º — LISBOA

Automobili Isotta Fraschini

Os mais solidos, simples e economicos e os que melhor sobem

Central Garage

F. S. MARTINHO & C.ª

Accessorios e officinas de reparações

Rua da Escola Polytechnica, 225, 227, 229 e 231

LISBOA

ARMANDO CRESPO

Preços sem competencia

112, Rua do Crucifixo, 114

CICLES VICTORY

Enviam-se gratis catalogos illustrados a quem os requisitar.

Excursão de Lisboa e Porto a Paris e Londres

O programma e as informações são dados no largo Camões, 19, 1.º (Rocio).

Grande sortimento e variedade de novidades em todos os generos e estylos de calçado para senhoras, homens e creanças.

106 RUA AUGUSTA 108

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA **Illustração Portugueza**

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.

SEMPRE - UTILIDADES - SEMPRE

em competencia com todas as casas que negoceiam no mesmo genero.—**SEMPRE os preços mais baratos do mercado.**—Talheres, louças de ferro esmaltadas ou estanhadas. Metaes para serviço de mesa. Canivetes, thesouras e outras cutelarias. Escovas. Pentes. Esponjas. Sabonetes, etc., etc.—Sortimento especial em artigos de ferragens e quinquilharias applicaveis ao **arranjo da casa** ou ao cuidado pessoal.—Artigos de primeira ordem.—Preços resumidos.—**LOJA UTILIDADES—José Braga—180, 182, Rua do Ouro, 180, 182—Lisboa.**

Instrumentos de corda

AUGUSTO VIEIRA

Guitarras, Bandolins, Violas, cordas e todos os accessorios correspondentes

Envia catalogos para fóra

AUGUSTO VIEIRA

4, RUA DE SANTO ANTÃO, 4

AUGUSTO VIEIRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital 200:000$000 réis

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Prazo Fixo. Combinados e Supervivencia, com participação ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitaes differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias.

Agencias nas cidades e principaes villas do paiz.

Para informações e tarifas dirigir-se á séde:

Praça do Duque da Terceira, 11, 1.º

LISBOA

Telephone 1:671

Endereço telegraphico «LANOICAN»

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez; e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose e d'Arpentigny.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.